O MALHO

ANNO XXXVII-NUMERO 242
20 DE JANEIRO DE 1938
Preço 1$200

FIRROL
O MULATO

ATKINSONS

Carnaval

Rouge velludoso de coloração firme e natural

Baton consistente, de carminação seductora

NO corso, no baile, nas bata has e folguedos, a sua maquillage é a unica que resiste. Pudéra! É feita com o rouge, o baton e o fino pó de arroz

ROYAL BRIAR, artigos excellentes para os trez dias de festança. Nem a transpiração, nem os lança-perfumes conseguem removel-os.

ROYAL BRIAR

Pó de arroz de adherencia homogenea e perfume delicioso de rara distincção

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Assignaturas: Annual . . . . . . 60$000 / Semestral . . . . . 30$000

Redacção e administração
Travessa do Ouvidor, 34

Teleph. 23-4422 / 22-8073 CAIXA POSTAL 880

RIO DE JANEIRO

ORIGINAES E PHOTOGRAPHIAS

Os originaes literarios ou photographicos, enviados a O MALHO, mesmo não publicados não serão, em absoluto, devolvidos.

Caixa d' O MALHO

CASSIANO NUNES (Santos) — Creio que lhe copiaram mal o artigo. Nessa presumpção, andei emendando todos os pequenos cochillos orthographicos, inclusive os cacophatons, que são innumeros. Mas cheguei á um ponto em que tive de desistir. Foi quando, num soneto decassyllabo de uma illustre poetisa portuguesa, collocou o copista um verso de 12 syllabas, sem rythmo. Não conheço o soneto. Por isso, não posso fazer a emenda. Consequencia : todo o trabalho perdido. Para seu governo : o soneto é o de D. Maria de Carvalho.

OLGA MEYER (Rio) — Mandaram para cá sua carta e suas collaborações. Estas parecem-me bôas. Sobretudo, a poesia. Podem-se publicar ambas, mas não precisamente na *Secção Feminina*. Não servirá no *"Parnaso Feminino"* ?

MARUJITA (Rio) — Não, Marujita, esta ainda não serve, mas está quasi, quasi . . . V. ainda se acha sob a influencia do soneto e compõe suas poesias em versos compactos. Com um pouco mais de desenvoltura, V. entrará no *"Parnaso Feminino"*.

DELIO PAN (Pederneiras) — Só escrevendo directamente ás grandes livrarias e casas editoras. Dirija-se á Freitas Bastos, José Olympio, Francisco Alves, Briguiet, Jacyntho ou Quaresma, etc. Qualquer dellas póde dar-lhe informações a respeito.

A. P. S. (S. Paulo) — Juntarei todos e escolherei os melhores para publicar. Não hão de ser muitos.

ESTUDANTE (Recife) — Não posso dizer quando sahem as collaborações. A opportunidade da publicação não me cabe determinar. Eu apenas selecciono a materia e colloco-a ao alcance do secretario da revista. Este vae servindo-se dos originaes, conforme as necessidades da paginação. Comprehendeu ? Quanto aos trabalhos de agora : O poema de Carlos Monteiro, muito bom. Seu poema, *idem*. E a respeito do conto, eu tinha a impressão de que já havia sido publicado. Será difficil collocar dois trabalhos do mesmo autor num mesmo numero. Isso só se tem dado aqui por descuido. Creio que uma das collaborações terá de ser sacrificada no numero de Carnaval.

FRANCISCO BARBOSA REZENDE (Christina) — Mandaram para cá seu trabalho, amigo. Não é possivel publical-o porque sahiu fraquinho. Além do mais, V. abusa da *dierese*, separando em duas syllabas vogaes brandas que deveriam estar unidas, contando-se uma só syllaba. Póde-se tolerar a *dierese* de vogaes brandas. Mas não o abuso, como se verifica no seu soneto.

ALUIZIO DE MEDEIROS (Fortaleza) — A resposta que lhe dei em 28 de Novembro sahiu realmente truncada : na paginação, comeram-lhe o inicio. *Gog-inho* nada tem a vêr com a historia : é outra resposta. Se V. tiver aproveitado alguma cousa, dou-me por feliz. "Sinfonia" é alguma cousa que me parece nova. Mas . . . dá licença que eu arranque aquelle — "sublimes" — do segundo verso ? Implico com essa palavra ! Este poema fica esperando espaço. Creio que o outro não demorará muito a sahir.

PRAIEIRO (Recife) — Varias vezes tenho aberto sua carta para dar-lhe uma resposta e recuo ao constatar que não encontro a collaboração em prosa que V. annuncia. Não sei se houve esquecimento de sua parte, pois já recebi a sobre-carta. Os poemas são bons. Mas, devido ao accumulo, só posso marcar "Crepusculo".

DR. CABUHY PITANGA NETO

PERFIS PAULISTAS

Cida Tibiriçá é a cantora mais baixinha do radio nacional. E' um catatauzinho. Quando ella vae cantar vira o microphone de cabeça para baixo para que se possa ouvir a sua voz. Mas tem uma pose!... Até parece que aquella musica do Lamartine Babo "Menina que tem uma pose" foi-lhe dedicada pelo autor!

E' a cantora mais photographada do mundo! Já tirou retrato rindo, séria, cabisbaixa, cantando, dormindo, lendo, chorando, andando, sentada, deitada, subindo escada, descendo do bonde, nadando, mergulhando, dansando, jogando futebol, pescando, cahindo da cama, chupando sorvete de pauzinho, declamando, de perfil, de busto, de corpo inteiro, de costas, adormecendo um boizinho, e etc.

Tirou patente para sahir nas capas de todos os primeiros numeros de qualquer revista ou jornal de radio do Brasil. E tambem para vencer qualquer concurso para se saber qual a melhor cantora... E' grande apreciadora da musica americana e o seu maior sentimento é não saber cantar em inglez. A's vezes tenta um fox na lingua de Bing Crosby mas depois o telephone não pára: toda gente quer saber de que nacionalidade ella é! Cantando em portuguez vae muito melhor, porque ao menos nesse idioma é um pouco mais comprehensivel. Gravou um disco — "Fita de Cinema" — que venceu um concurso, organizado ha tempos, como sendo o disco mais popular do Carnaval deste anno. De facto, essa musica foi muito cantada... pelos surdos-mudos.

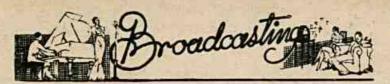
Quando imita a Betty Bop a turma toda exclama: "Essa imitação do Popeye está formidavel!"

E é uma grande, uma sincera admiradora e amiguinha de Leny Eversong, que ha muito vem lhe ensinando como é que se canta um fox-trot na batata!

Agora canta em dueto.

Caruso e Claudia Muzio seriam cafés pequenos perto da nova dupla! Que harmonia, que rythmo, que cadencia! Nunca ouvimos uma coisa igual! (E esperamos não ouvir mais, cruz crédo!).

N. R. — Esta notinha não foi paga. E' graciosa!...

(D'"*O Governador*")

CARNAVAL NA RUA!

Em materia de musicas de Carnaval, Benedicto Lacerda tem assignalado exitos retumbantes. "Macaco, olha o teu rabo", "Arrasta a sandalia", "Eva Querida" e "Querido Adão" representam marcos de gloria da sua carreira de compositor.

Benedicto é, talvez, o mais carnavalesco dos nossos autores. Com sua flauta e seu conjuncto, mascarado, vestido de mulher, de macacão ou de camisa de malandro, elle cabe no brinquedo que é um Deus nos acuda!

Suas musicas são, assim, impregnadas de um verdadeiro espirito de folião. Para 1938, Benedicto Lacerda está "na orgia" com as seguintes producções: — "Não dou meu braço a torcer", "Onde vae você, Maria?", "Não chora", "O cantar do Gallo", "Com a mão nas cadeiras", "Coração em leilão" e "Liberdade", todas de parceria com Darcy de Oliveira, Herivelto Martins e Roberto Martins.

Com suas gravações, este anno, Jayme Britto não teve sorte. Talvez por escolher de accordo com o seu gosto pessoal, e não procurando acertar com o gosto do publico, as musicas de sua creação não fieram carreira.

Jayme Britto é, entretanto, um dos cantores mais efficientes do genero carnavalesco. Canta em uma porção de programmas e estações, estando sempre em contacto com os ouvintes, que apreciam a sua actividade.

Será que a nova directoria da S. B. A. T. vae tomar attitude contra a "Radio Jornal do Brasil"? Ou ficará, como o Carlos Bittencourt, com receio de perder as noticias sobre suas peças? E' o que Armando Gonzaga e Paulo de Magalhães devem responder.

RADIOLETES

O Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, vae mandar uma commissão ao nordeste para estudar o folk-lore e a musica popular da região. Bom pretexto para o Sr. Mario de Andrade dar mais um passeio por conta do governo...

Na lista dos presentes que Papae Noel distribuiu aos artistas de radio, publicada em nosso numero de 6 do corrente, figura um exemplar da "Questão Sexual", para Albertinho Fortuna. Quem escreveu a referida lista sabe que esse livro é de Forel, mas a revisão achou que o nome de Freud é mais popular, substituindo-o discricionariamente...

A VOZ DO OUVINTE

"Seu" Santiago. — Sou antigo leitor d'O MALHO — desde os tempos em que elle custava $400 e valia 1$200, até hoje, quando custa 1$200 e vale 4$000 — e estou habituado a ler as suas chroniquetas que aprecio muito. No emtanto, a ultima que V. escreveu sob o titulo: Direito de interprete, está em completo desaccordo commigo. 1º — V., falando no ludibrio do povo carioca pelas estações que transmitem discos dando a impressão de que o cantor está, pessoalmente, ao microphone, está chamando — sem o querer, concordo — o dito povo de... orelhudo; porque, que diabo, quem é que não distingue, perfeitamente quando o "zinho" está cantando em disco ou pessoalmente? 2º — V. suggere o tal direito de interprete que já é uma realidade na Argentina e em outros paizes (somos ou não somos macaquitos?) mas que não deixa de ser um pequeno absurdo. E eu explico:

As nossas emissoras já andam numa penuria damnada; não ha bons programmas (pelo menos é o que todo mundo diz) e se não ha bons programmas é porque não ha bons cantores e se não ha bons cantores é porque não ha "nota" para contratal-os... Segue-se dahi que, com mais essa taxa sobre as pobrezinhas — coitadinhas dellas... ou pagam pelos discos ou pelos cantores. E é só, "seu" Santiago, e é só. Desculpe o incommodo. — Nictheroy, 27 de Dezembro — *Orlando furioso.*

DESFILE DE "ASTROS"

CARLOS GALHARDO

Sahiu um dia de trãz
Da "cortina de velludo"
Fez successo, venceu tudo,
Mostrou de quanto é capaz.

Sendo um verdadeiro "az"
Elle "abafa" qualquer "rei"
Sem exaggero direi
Que é um colosso o rapaz.

Já foi chamado "carbono"
Quem hoje tal affirmar
Faz um boi cahir de somno...

E Galhardo já na frente
P'ra disputar-lhe o logar
Não encontra mais "valiente"...

GOG

O CONCURSO DA PREFEITURA

Os jornaes voltaram a lembrar a realização, como ha tempos se fez, do concurso de musicas de Carnaval pela Prefeitura desta capital.

Com todos os defeitos de organização que semelhantes certamens possam revelar, ainda assim elles representam um incentivo que e desnecessario encarecer.

Objecta-se, não raro, contra as injustiças e os criterios erroneos.

Mas onde e como não haverá injustiças e pontos de vistas antagonicos, tratando-se de cousas em que o gosto individual entra em jogo como factor decisivo?

O concurso da Prefeitura, estabelecendo, além dos premios, normas e exigencias, só poderá concorrer para a melhoria das producções do genero.

O Dr. Georgino Avelino, director de Turismo da Municipalidade, deve acceitar as suggestões da imprensa e tornar a realizar o interessante plebiscito, tão interessante que São Paulo, Minas e outros Estados tambem passaram a organizal-o.

E' bem possivel, até, que, ao ser lida esta nota, já se tenha confirmado a noticia de que a Prefeitura vae, novamente, encarregar-se delle, conforme era de esperar.

NOTAS FÓRA DA CLAVE

A marcha "Oh, senhora viuva" parece destinada a agradar no estrangeiro. Vae ser lançada nos Estados Unidos e já foi pedida autorização para ser editada na Argentina. "Oh, senhora viuva" foi gravada por Carlos Galhardo juntamente com "Sorrir", um dos grandes sambas do Carnaval de 1938.

Aurora Miranda, ao contrario do que já se tornara um costume, não acompanhou Carmen na volta á "Mayrinck Veiga". Deixou tambem, entretanto, a "Radio Tupy" e está fazendo o Carnaval no "Casino Copacabana".

No "Theatro Recreio" temos a revista "Yess, nós temos bananas" e no "Carlos Gomes" a revista "Olá, seu Nicoláu". Ambos os titulos são de musicas do momento carnavalesco.

Os "Perfis Paulistas" que temos publicado são transcriptos do excellente semanario bandeirante "O Governador". Fazemos esta resalva por não ter constado a procedencia em um delles.

BRÉQUES

Depois de irradiar a marcha "Maria Barafunda", de José Maria de Abreu e Francisco Mattoso, um "speaker" da "Educadora" errou o nome do primeiro dos autores, chamando-o "João Manoel de Abreu". Sabedor do facto, e Hamilton Burnes disse numa roda:

— Essa musica foi feita com segundas intenções.. Logo, é justo que dê em barafunda...

Ave, Cesar! — diz o chronista Helio do Soveral saudando o Ladeira, num encontro á porta do "Nice".

E o Germano Augusto, que escutou a phrase, disse para Saint-Clair Lopes:

— Está uma cousa que eu não sabia: que o Cesar Ladeira era "ave"!...

VOLTARAM AS "PAGÃS"

Depois de uma excursão victoriosa pelas republicas do Prata e do Pacifico (Argentina, Chile, Perú e Uruguay) regressaram ao Rio as "Irmãs Pagãs", Elvira e Rosina Cozzolino. As encantadoras interpretes da nossa musica popular vieram refazer o seu repertorio, bebendo nos mananciaes carnavalescos da actualidade, e assistir a grande folia, como boas brasileiras que são. As "Irmãs Pagãs" já se apresentaram ao publico e, dado o exito alcançado no estrangeiro, talvez venham fazer milagres em casa...

RADIO-POSTAL

João Rinaldi — Juiz de Fóra — Continuamos ás ordens dos leitores d'O MALHO para enviar-lhes as musicas que desejarem. E' só enviar o pedido para a caixa postal 880, Rio, com a quantia correspondente, destinada, nominalmente, ao redactor de radio. — *O. Santiago.*

MUSICAS DE CARNAVAL

Entre as musicas de agrado desta temporada, figura, pelo seu rythmo, a batucada
"O que tem yáyá
nas cadeiras della"
de Kid Pepe e Germano Augusto, gravada por Aracy de Almeida.

Carmen Miranda, deixando um pouco de ser "bahiana", gravou um frêvo á moda de Pernambuco. "No Frêvo do Amor" fórma o disco com outra marcha, "Dona Geisha", de assumpto japonez.

Lamartine Babo tem uma marcha que deve circular por estes dias. Intitula-se "Vacca Amarella" e está sendo esperada com interesse, como tudo o que elle produz.

"A cosinha é teu logar", marcha que a "Odeon" lançou ha pouco, é uma creação que mostra os meritos de Gastão Formenti como cantor do genero.

Castro Barbosa gravou a marcha negra "Branco não tem coração", com uma notavel orchestração de Pixinguinha. Será essa marcha o ultimo lançamento para o Carnaval de 1938 da dupla Paulo Barbosa-Oswaldo Santiago.

A INSTRUÇÃO PRIMARIA TEM NOVO CHEFE

Dr. Paulo Maranhão

Acaba de ser empossado como director do Departamento de Educação da Prefeitura Municipal o Dr. Paulo de Albuquerque Maranhão, nome por demais conhecido e acreditado no Brasil como legitima e viva expressão da pedagogia patria, para a qual, ha dois decennios, vem convergindo as suas energias e seus bellos pendores.

Ingressando no ensino municipal como inspector escolar na administração proficua do Dr. Amaro Cavalcanti, fez desse cargo um apostolado integral, e, com a crença de um missionario, poz-se em franca e efficiente cooperação na cultura primaria da nossa immensa população infantil. Hoje, como regedor do Departamento de Educação tudo ha a esperar do seu merito e da sua experiencia.

SYNDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAES — Aspecto da posse da nova directoria do Syndicato de Jornalistas Profissionaes, para cuja presidencia foi eleito o brilhante jornalista Pedro Thimoteo, director da Associação Brasileira de Imprensa.

O attaché commercial da America do Norte, Sr. Walter Donnelly, em visita á séde da Associação Brasileira de Imprensa, em companhia do Presidente da A. B. I., do Sr. Jack Ives, Commissario Commercial dos Estados Unidos e do nosso confrade Sr. Armando d'Almeida, representante para o Brasil da Foreign Advertising and Service Bureau Co.

PARANA' JURIDICO

Está exercendo o cargo de Promotor Publico da 3ª Vara Criminal da comarca especial da capital paranaense, com a funcção de Curador de Orfãos, de Menores e da justiça militar estadual, a joven causidica senhorinha Dra. Ilná Pacheco Secundino, poetisa, jornalista e soprano lyrico.

Grupo á chegada do Sr. Francisco Silva Junior, director do Brazilian Tourist Bureau" de Nova York, e traductor das legendas em portuguez dos films norte-americanos, que veiu pelo "clipper" da Panair para rever o seu paiz e retomar o contacto com os seus collegas.

NOIVADO — Grupo feito na residencia do Sr. André Ferreira Lopes, por occasião do contracto de casamento de sua dilecta filha, senhorinha Zoé Maria, com o joven Wilson Ferreira Basilis, filho do commerciante Sr. Antonio Ferreira Basilis. Os noivos apparecem ladeados pelos seus progenitores.

BACHAREIS DO GYMNASIO GUILHERME DE ALMEIDA — Sessão solemne em que o capitão João de Quadros, representando o Dr. Cardoso de Mello Netto, realiza o acto de collação de grão dos bachareis de 1937 do Gymnasio Guilherme de Almeida.

SEGREDOS
PRESENTIMENTOS

(Continuação do numero passado)

A MORTE DE MADEMOISELLE MUZA E A LOUCURA DE SCHUMANN

Um facto pessoal. Eu publicava, em 1909, em Paris, a minha *Revista Internacional de Espiritualismo Scientifico*, quando tive ensejo de ligar-me com Mlle. ADELINE DUDLAY, grande tragica da *Comedia Franceza*. O nosso gosto commum pelas Sciencias Occultas nos havia approximado. Uma joven actriz, tambem da *Comédie*, Mlle MUZA, assistia com regularidade ás sessões, de espiritismo feitas em casa de Mlle. DUDLAY. Uma noite, ella nos contou ter tido um pesadello horrivel: via-se em chammas e ardia como uma tócha. Oito dias depois, o cabelleireiro do Theatro Francez, tendo-lhe embebido os cabellos de alcool para fins de trabalhos da sua arte, estes se inflammaram por um accidente que ficou inexplicado e a infeliz artista teve a morte horrivel que havia entrevisto!

— ROBERTO SCHUMANN escrevia em 1835, á "sua Clara" — eram ainda noivos - que tivera um sonho horrivel: parecia-lhe que elle SCHUMANN, havia enlouquecido. E' sabido que Schumann ficou louco nos ultimos mezes da sua vida!

A MORTE DE LUZ II ABRAÇADO AO SEU MEDICO

LUIZ II, rei da Baviera, estando louco mas continuando a reinar, encontrou, a morte por asphixia, no lago de Stamberg, abraçado ao seu medico, VON GUDDEN, que com elle se afogou. VON GUDDEN, antes de ir ao encontro diario que tinha com o soberano, declarou á sua esposa sentir-se obsedado por um triste presentimento: vira-se a si proprio, em sonho, na agua, luctando com um homem que lhe parecia o rei. Este o havia agarrado e procurava arrastal-o ao fundo do abysmo, O accidente em que pereceram LUIZ II e o seu medico nunca foi explicado; mas o enlace tragico dos dois cadaveres não exige maior esclarecimentos.

O SONHO DE GARIBALDI

Em 27 de Maio de 1910, a Italia celebrou solemnemente o primeiro meio centenario da gloriosa entrada em Palermo dos Camisas Vermelhas de GARIBALLDI, precursores dos Mamisas-Negras de MUSSOLINI. Nessa data, o nosso collega FILOSOFIA DELLA SCENZA, de Roma, narrou um sonho que teve GIUSEPPE GARIBALDI em 1852, no qual o herói da unificação da grande Patria Italiana recebeu, no seu veleiro *Carmen*, em pleno Oceano Pacifico, e em plena borrasca, o aviso da morte de sua extremecida progenitora. Foi o proprio GARIBALDI quem narrou o prodigioso acontecimento nos termos que passo a transcrever.

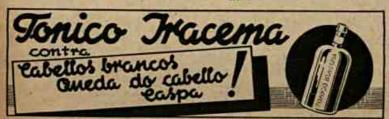
"Achava-me doente de rheumatismo e estava dormindo no meu camarote. O navio era agitado por violenta tempestade, quando, em sonho, fui transportado á minha terra natal; mas, em vez dessa atmosphera de paraiso que estava habituado a encontrar em Nice, onde tudo me sorria, parecia-me envolto num ambiente de cemiterio. Através uma multidão de mulheres que via, ao longe, com rostos afflictos e tristes, pareceu-me lobrigar um féretro. Aquellas mulheres, posto que a andar lentamente, vinham em direção a mim. Preso de fatal presentimento, fiz um esforço para me approximar do prestito funebre; mas não me pude mover; tinha sobre o peito uma montanha. O cortejo, entretanto, adiantou-se. O feretro foi depositado ao meu lado e as pessoas que o acompanhavam afastaram-se. Suando de fadiga, em vão quiz soerguer-me. Estava sob a terrivel influencia de um incubo e, quando consegui começar a mover-me, senti o frio contacto de um cadaver em cujo rosto reconheci o venerando semblante materno.

"Acordei com a impressão de ter na minha, outra mão; porém, essa, gelida. O rugido da tempestade, as queixas da misera *Carmen* impiedosamente açoutada pelas ondas e pelo vento, não puderam afastar inteiramente a impressão terrivel do meu sonho. Nesse dia e nessa hora, estava eu com certeza privado de minha mãe, da melhor de todas as mães!"

A mãe de GARIBALDI, morrera, effectivamente, naquella sinistra noite. As suas exequias realizaram-se dias depois. Seguraram as alças do feretro quatro proscriptos da democracia italiana, refugiados em Nice e o cortejo foi quasi todo composto de mulheres italianas e francezas!

Presentimentos dessa natureza não se desmentem. Ha, de facto, um Destino escripto. Aliás, as minhas diarias demonstrações astrologicas sobejamente e inconfundivelmente o tem provado...

DEMETRIO DE TOLEDO — Director de "SOMBRA E LUZ", Revista Mensal de Occultismo e Espiritualismo Scientifico. —

IMITE SUA
ELEGANCIA
FUMANDO OS
CIGARROS LISOS
E COM PONTAS
DE CORTIÇA
Cigarros
Hollywood
Cia SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO
Hollywood

O Malho

20 DE JANEIRO DE 1938

PICARETA E VASSOURA

UMA phrase que sempre teve enorme consumo, entre nós, nas devidas opportunidades, é a seguinte: — Não irei fazer politica no governo. Irei administrar acima das injuncções partidarias.

Quando o Sr. Henrique Dodsworth, nomeado Interventor no Districto Federal, repetiu o chavão, já estava inteiramente esgotada a capacidade de crença da população.

Entretanto, fosse porque, depois dos acontecimentos de 10 de novembro proximo passado, a situação já não comporta mesmo administradores politicos, ou fosse porque, debaixo da casca do homem de partido, campeão de victorias eleitoraes, batidas na bocca das urnas, se escondia a vocação do homem de governo, o certo é que o Sr. Henrique Dodsworth poz a politica inteiramente de lado e não tem feito outra coisa, além de administração. Não vamos dizer que reincarnou na Prefeitura o espirito de Pereira Passos. Mas é evidente que o antigo *menino de ouro* da facção frontinista está realizando uma serie de reformas e limpezas de que o Rio estava precisando.

Claro que não se trata de nada assombroso e magnifico. O certo, porém, é que são coisas que precisavam ser realizadas, que estavam para realizar-se há muito tempo e que ninguem tinha coragem de realizar. E não tinha coragem, porque o Rio é uma cidade infestada de tradicionalistas, sujeitos que viram um dia as ruinas de Athenas ou de Roma, ou que ouviram falar em gloriosas antiguidades da Inglaterra ou da França, onde as teias de aranha e a poeira são respeitadas e veneradas como a poesia inefavel das idades, e resolveram que a Capital do Brasil tambem deveria ter velharias historicas, para ser uma cidade que se preza...

Uma arvore que se arranque, um pardieiro que se destrúa, uma rua tortuosa que se ponha no alinhamento, umas grades que se arranquem — tudo desperta os ferozes zelos desses vigilantes guardiões da "patina do tempo". E lá vêm elles pelos jornaes, com todo o peso de suas lamurias ou de seus protestos, em nome das respeitaveis tradicções nacionaes... O Sr. Henrique Dodsworth riu-se do exercito tradicionalista e mandou metter a picareta e a vassoura por ahi além. Elle viu que o Rio não precisa de coisas velhas: precisa é de descongestionar o seu trafego, de calçar e limpar as ruas, de crescer e avançar para tornar-se uma cidade do seu tempo. E a picareta está entrando com vontade, e, atraz da picareta, vêm as carroças de lixo. E entre a poeira e o barulho das construcções que ruem e das grades que se derrubam, o povo lembra-se vagamente de Frontin de guarda-chuva, rasgando a Avenida Rio Branco e Antonio Prado de chapéu de palheta, plantando jardins, tapando buracos, aformoseando a cidade...

E na hora da sésta, pode vir o mundo abaixo, que elles não estão ligando.

Um rei entre grades

NA escola, aprendemos que elle é o rei dos animaes. Devemos admittir que tem um aspecto magestoso e formidavel. Seus bellos olhos escuros fixam o viajante, atravez das grades da jaula, sem maldade e com alguma tristeza. Muita gente pensa que elle tem saudades da Patria. Mas nem sempre assim é, porque na maior parte das vezes, já nasceu no captiveiro ou foi apanhado pequenino nas selvas nativas.

O rei da selva olha sem maldade e com um pouco de [illegible]teza.

Com a explendida juba a envolver-lhe a cabeça, sua apparencia é de uma imponencia verdadeiramente monarchica.

Os filhos da Africa chamam-no "o senhor da cabeça grossa". Temem-no, mas não o admiram. Acham que elle nada tem de regio, quando está devorando a sua presa. Come apressadamente e se alguem se approxima, solta uns grunhidos zangados. Quando está farto, entretanto, prefere fugir e esconder-se nalgum ponto da floresta, onde possa dormir e fazer a digestão tranquillamente.

As leôas são mais aggressivas, quando estão ao lado da ninhada, mas não é difficil espantar-se com algum barulho que ellas ainda não conheçam.

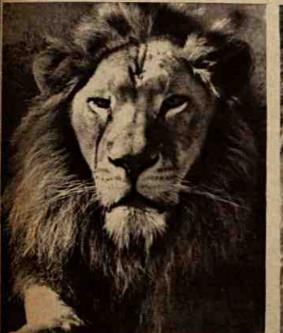
Mas, ai do caçador branco que, seguro da victoria, segue ao matto um leão ferido! Muitos têm pago com a vida essa imprudencia.

O leão de Jardim Zoologico, entretanto, já perdeu, em geral, todas as qualidades primitivas. Elle sabe qual a hora do rancho e ninguem o perturba nesse momento solemne. Tem companheiros comsigo. O guarda trata-o bem. E como o rei das selvas é preguiçoso por natureza, deixa que as coisas corram, soffre estoicamente que o admirem e vive pacatamente até o fim de seus dias.

Quando elle se mostra assanhado, os garotos gritam-lhe: — "Socega, leão!"

Apesar da juba assanhada, seu aspecto não chega a ser apavorante.

E ás vezes, a curiosidade o leva até metter o focinho entre as grades.

Supporta estoicamente que o admirem.

Até as moscas o afrontam na hora da digestão.

O aspecto da leôa na jaula é ainda mais triste do que o do leão.

Um circo em 1900

Sra. Baroneza de Saavedra — Sr. José Willemsens — Sra. José de Verda.

Açude, — Tijuca. Foi uma noite de belleza e encantamento cheia de notas divertidas e de bom humor, de que os flagrantes desta pagina dão bem uma idéa.

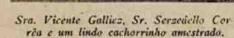
"Um circo em 1900", foi o titulo da encantadora festa que o Sr. Raymundo de Castro Maya offereceu aos seus amigos na sua maravilhosa residencia localisada na Estrada do

Sr. Claudio Amaro da Silveira, Sra. Morena Sarmanho, Sr. Oswaldo Teixeira de Freitas, Sr. e Sra. Mario de Castro, Sra. V. Tristão da Cunha, Sr. Renato Palmeiro.

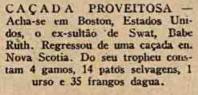
Grupo de palhaços

A Sra. Eduardo Prado (professora) e suas alumnas.

Sra. Vicente Galliez, Sr. Serzedello Corrêa e um lindo cachorrinho amestrado.

Grupo das archibancadas no qual apparece no primeiro plano o Sr. Raymundo de Castro Maya (clown).

Outro aspecto da archibancada

O MUNDO

CAÇADA PROVEITOSA — Acha-se em Boston, Estados Unidos, o ex-sultão de Swat, Babe Ruth. Regressou de uma caçada em Nova Scotia. Do seu tropheu constam 4 gamos, 14 patos selvagens, 1 urso e 35 frangos dagua.

DIVERTIR, INSTRUINDO — Com o proposito de ministrar aos jovens allemães os rudimentos da estrategia militar, appareceu, agora, em Berlim, uma nova edição de jogo de xadrez. E' o "Tak-tik". As peças compoem-se de soldados de infantaria, *tanks*, baterias, aeroplanos de bombardeio e de combate, e o taboleiro é dividido em diagonaes, representando estradas, rios e territorios.

A'S ARMAS ! — Falando aos estudantes de Berlim, o tenente-coronel Walter Jost disse que "a Allemanha se defende preparando-se para a guerra" e que a intenção de Hitler é "formar de cada cidadão um soldado".

O CONFLICTO SINO-JAPONEZ — Este lindo navio de guerra é o cruzador "Nagato", da marinha nipponica. Foi bombardeado por aviadores chinezes, proximo de Kian-gyin. Seu commandante, o almirante Nagano, morreu no decurso do bombardeio.

EM REVISTA

PRISÃO DE ESPIÕES — Os Robinson eram espiões e deram que fazer á policia americana, que acaba de os prender em Washington. Usavam nomes de pessoas fallecidas ha meio seculo.

DEANTE DO ALTAR — O casamento do principe Ernst von Starhenberg com a ex-actriz Nora Gregor foi effectuado na capella do palacio do Bispo de Vienna pelo Cardeal Innitzer. O principe era o chefe do Fascio austriaco.

VIAJANTES ILLUSTRES — O Ministro das Relações Exteriores da Yugoslavia, Sr. Stojadinovic, teve sympathica acolhida em Roma, aonde foi em visita a Mussolini. O Duce compareceu ao desembarque.

DESGRAÇA NO AR — Em Steene, perto de Ostende (Belgica), cahiu um "air-liner", no qual viajavam membros da familia do grão-duque Ernst Ludwig de Hesse, que iam a Londres assistir ás nupcias do principe Ludwig de Hesse com Miss Margaret Campbell Geddes. No desastre morreram seis pessoas, entre as quaes o grão-duque Jorge.

UMA VIDA PUBLICA QUE É UMA CREAÇÃO DA INTELLIGENCIA E DA CULTURA

O ministro Francisco Campos na sua mais recente photographia, feita na redacção de O MALHO.

A vida publica do Sr. Srancisco Campos poderia ser representada, graphicamente, por uma ampla curva em permanente distensão ascencional, e a força miracular do seu espirito poderia ser indicada pelo sentido da profundidade e, em consequencia, da altura. Nelle, o homem de pensamento e o homem de acção confundem-se para formar uma larga e poderosa personalidade, que, por onde passe e em tudo quanto faça, deixa, indelevel, a sua "garra".

A notoriedade dessa immensa figura do Brasil começou nos bancos da Faculdade de Direito de Bello Horizonte, precisamente quando, ainda no 2º anno, ali por volta do anno de 1911, Francisco Campos tomou a si a defesa dos soldados da 9ª Companhia de Caçadores, que numa noitada tragica assassinaram a tiros cerca de 12 guardas da policia civil daquella cidade. Foi de tal ordem a defesa produzida pelo estudante Francisco Campos, tão forte a impressão causada pela sua cultura, pela sua oratoria, pela precisão de sua argumentação, pela agudeza de sua replica, pelo inesperado de seus apartes, que o Tribunal quedou attonito — segundo expressão dos jornaes da época. Mas os estudos juridicos não eram sufficientes a absorver as energias espirituaes e a matar a sêde de conhecimento, de cultura e de creação do joven estudante. E datam de então numerosos ensaios criticos, de natureza philosophica (como, por exemplo, um lucido estudo sobre Pascal e Bergson) e literaria, polemicas, conferencias, discursos (entre os quaes é forçoso assignalar a saudação a Georges Dumas na Faculdade de Direito, escripta em francez de primeira qualidade) — tudo tocado daquella aura de gravidade, profundeza e altitude, que é o "hall-mark" do espirito de Francisco Campos.

Concluido o seu concurso na Faculdade de Direito, não só conquistou o Premio Barão do Rio Branco, como ainda foi eleito orador de sua turma, havendo pronunciado, por occasião da solemnidade de formatura, discurso que valeu por uma nova e ruidosa consagração da profundidade do seu espirito e da severidade de sua cultura, tal a segurança, agilidade e lucidez com que nelle versava problemas de direito, de mistura com problemas de philosophia. Em 1916, dois annos após a formatura, candidatou-se Francisco Campos ao logar de lente de toda uma secção de disciplinas (Philosophia do Direito Economia Politica, Sciencia das Finanças e Direito Romano) do curso da Faculdade de Direito, inscrevendo-se em concurso que ficou famoso nos annaes daquelle estabelecimento e no qual, classificado em primeiro logar com dois outros candidatos, não foi nomeado, apesar do fulgor com que se houve em todas as provas, discutindo, debatendo, expondo e ensinando pontos de vista inéditos e alguns inteiramente pessoaes, como a these de que a sciencia das finanças não é uma sciencia, mas uma arte.

Um anno depois, mediante concurso em que foi o unico candidato, conquistava, com o fulgor caracteristico de tudo que é seu, o logar de professor de Direito Publico e Constitucional, e foi em seguida eleito deputado ao Congresso Mineiro. A sua actuação no legislativo mineiro não refugiu ás constantes de sua mentalidade. Entre outros trabalhos de vulto, que são os melhores entre quantos se contêm nos annaes do Congresso Mineiro, figura com relevo especial a reforma da Constituição Mineira, cujo projecto, preparado da noite para o dia, deu margem, durante a discussão, a que novamente imperasse, acima não só de todos os planos do commum, do vulgar ou do mediocre, mas tambem do apenas bom, a voz dominadora, profunda e densa desse sobrinho-neto de Martinho Campos.

1921 assignala o ingresso de Francisco Campos na Camara Federal, onde sustentou os mais tremendos debates no terreno politico e no terreno doutrinario. Notavel exemplo de trabalho doutrinario é o admiravel parecer sobre taxa-ouro, em que a sua palavra tem a força convincente e definitiva da palavra de um technico, quando nada ha de menos parecido com um technico do que o Sr. Francisco Campos, mercê da universalidade do seu espirito. Constitue exemplo modelar de discurso politico aquelle em que, examinando a candidatura Nilo Peçanha, transformou — com a tendencia immanente da sua intelligencia para as idéas geraes — um assumpto vulgar num florentino duello de idéas e, convocado, de subito, por um aparte, acabou por fazer uma digressão de tal quilate em torno do thema — demagogia — que ha ali cousas definitivas sobre assumpto tão duro de abordar-se de improviso. Já Francisco Campos era um nome nacional.

1926 marca a sua primeira ascensão a um posto de governo — Secretario do Interior de Minas Geraes. A figura escassa, mofina e indecisa da cultura mineira movimenta-se, amplia-se e ganha cor e corpo á vibração magica de suas mãos de demiurgo. Funda-se o moderno ensino publico em Minas. Crea-se no Brasil a primeira escola para formar professores. O problema foi attingido nas raizes. Como de habito, o sentido linear das cousas não interessa a este aristotelico. Só as linhas verticaes têm para elle significação. O volume "Pela civilização mineira" — conjuncto de discursos que são obra do pensamento de um homem de acção e do enthusiasmo de um sceptico (e o enthusiasmo dos scepticos opera prodigios) — vale mais que todas as plataformas de governo e todos os relatorios officiaes. Não contém um dado estatistico, mas encerra esta cousa surprehendente — as palavras de fé e prophecia que deram a Minas Geraes a mais perfeita organização de instrucção publica — primaria e normal — deste paiz e desencadearam em todos os quadrantes da terra mineira um apaixonamento pelas cousas do espirito, que modificou, de vez, os rumos da cultura naquelle Estado.

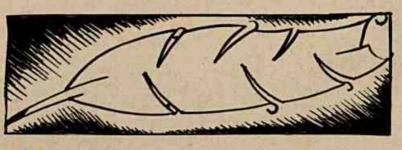
A 18 de Novembro de 1930, Francisco Campos tomava posse do cargo de Ministro da Educação e Saude Publica do Governo Provisorio, governo que ajudara a fundar por sua actuação na Alliança Liberal, de que fôra um dos creadores. Nesse Ministerio realizou a mais perfeita reforma do ensino secundario e superior de que ainda ha noticias neste paiz.

Por onde passa deixa um rastro de luz que não se extingue: de uma rapida interinidade na pasta da Justiça em 1932 ficou, por exemplo, uma luminosa exposição de motivos sobre uma these de Direito Internacional Privado — que é uma exhaustiva monographia do assumpto. Pertence tambem a este anno de 1932 o "Cyclo de Helena" — bello volume de versos de rythmo amplo, liberto e ondulante, e faiscante de riqueza verbal, goetheanos pela profundeza, orientaes, ás vezes, pela opulencia e calor das imagens envolventes e amargas como aquelles "mares de Ulysses e de Homero"...

No anno de 1932 a politica o devolve ás letras á advocacia, ao magisterio, até que foi nomeado Consultor Geral da Republica. Frutos de sua actividade como jurista, ahi estão 2 vols. de *Pareceres*, em que a arides das letras juridicas apparece transfigurada pelo milagre de uma cultura universal, que approxima e associa as cousas apparentemente mais dispares e longinquas, (acaso não será uma das funcções da cultura reduzir as cousas á sua unidade inicial?) e pela audacia de uma dialectica que estonteia. E' tambem de 1933 um punhado de poemas em prosa, tão varios na forma, na concepção e no estylo como vario e mobil o espirito que os creou. O extraordinario, como se vê, é que nem a acção politica, nem a acção administrativa, nem as actividades juridicas lograram vincar a sua personalidade, que permanece sempre joven e liberta, com uma mobilidade e uma renovação perpetua de agua corrente...

Nomeado Secretario da Educação do Districto Federal em 1935, veiu, em hora grave da nacionalidade, prestar ao governo e ao paiz o assignalado serviço da sua "presença" num sector cheio de perigos e ameaças para a sociedade. Dahi sahiu para o Ministerio da Justiça, á cuja frente se acha, para ajudar o Brasil a sahir do enjôo e do marasmo, a rearticular-se comsigo mesmo, a renovar o seu sangue, a oxygenar os pulmões e a distender rijamente os musculos para a attitude da coragem, da vontade e da acção, — coragem, vontade e acção de que a propria vida do Sr. Francisco Campos constitue um symbolo fascinante.

Tal, em traços rapidos, largos e pouco accentuados, a synthese da vida publica desse homem de pensamento e de governo, que é toda ella, creação pessoal de uma intelligencia — numerosa e irresistivel como uma força da natureza.

A. R.

Folhas dispersas...

Ha na vida de quasi todos os escriptores, tanto notaveis como mediocres, momentos de grande contrariedade e aborrecimento, que são quando algum amigo, ou mesmo inimigo, julga-se retratado em algum dos seus romances.

Se o retrato lisonjeiro, amavel, mentiroso, elle sorri de vaidade, e embora sinta — porque essas coisas sentem-se sempre — que aquella enormidade do panegyrico é de uma falsidade ultrajante, na sua alma inchada de presumpção, não se forma nenhum movimento de reacção. Elle "soffre" a adulação, enganando-se a si proprio, incutindo com energia aquellas doces illusões dentro do seu ser balofo de desvanecimento.

Essa mesma creatura, porém, lendo ou ouvindo dizer que foi caricaturada por qualquer escriptor, salta apopletica de indignação e de raiva, e sem pensar no ridiculo, põe-se a escrever artigos enfurecidos, que ainda ajudam a gravar no espirito publico uma personagem que talvez passasse despercebida. O desprezo é o maior dos castigos. Se Bulhão Pato, o grande poeta portuguez, tivesse pregado no romantico, que Eça de Queiroz descreveu nos *Maias*, o ponta-pé do desprezo, e respondesse apenas com um desdenhoso encolher de hombros, talvez ninguem visse no "Thomaz de Alencar" senão uma figura insignificante de comparsa, apparecendo apenas para encher mais a scena. Contam que Bulhão Pato, não se poude conter; a ira cegou-o, fez-lhe perder a serenidade de vate, habituado a dedilhar sons enternecidos e suaves na lyra. Numa lufada de odio, atirou como indice, ao seu livro de canções e idyllios, a satyra que lhe escaldava o peito :

. . . .

"Das brumas de Inglaterra,
[oh bravo patriota,
Brindas o teu paiz,
[chamando-lhe idiota.
Cigarra de vaidade, o
[escrevedor colosso,
Rilhando o portuguez, como
[um cão rilha um osso,
Sae-se agora a cantar-me,
[em chocarreiras lendas..."

Essa discussão agitou os literatos da época, e immediatamente se formaram grupos de amigos e desaffectos. Pelo que se conclue, Eça de Queiroz, comquanto negasse, não conseguiu convencer ninguem. A sua voz perdeu-se nos rumores da tormenta. Elle tentou affirmar que fôra buscar o seu Thomaz, muito longe, na provincia, onde o conhecera, resolvendo desde logo transportal-o para a capital, sem o separar das suas olhadelas unctuosas, das suas melenas caindo até o pescoço, dos seus suspiros dengosos, da sua ternura latente pelas mulheres bonitas e feias...

O peor, é que até hoje, muita gente ao seguir-lhe os passos romanticamente fataes, avista, sem custo, o grande Bulhão Pato, embora sem o seu Terra Nova, e sem o seu chale-manta cinzento. Mas de tudo que Eça asseverou no seu estylo mordaz e colorido, nada devia ter melindrado tanto o autor de *Paquita*, como quando o ouviu assegurar, ser-lhe impossivel descrever um homem cuja existencia ignorava, de um poeta de quem nunca ouvira falar.

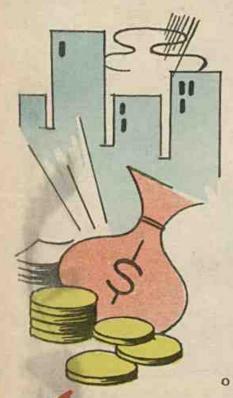
Devemos concordar que o maravilhoso creador das *Cidades e as Serras*, foi bem cruel. E a crer nas chronicas daquelle tempo, quasi todos os romances de Eça de Queiroz produziram animosidade aos seus contemporaneos das letras.

Camillo Castello Branco, cuja penna não poupava ninguem, atirou-lhe o seu sarcasmo, num impulso de frenesi, e Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro e Fialho de Almeida fizeram o mesmo; outros o imitaram. De facto, pelo lado da moral, os romances do grande escriptor contêm trechos que poderiam ser supprimidos, embora, apesar disso, sejam de raro valor. Essa suppressão, não os mutilaria nem tornaria defeituosos. Mas nas grandes obras do pensamento, ha sempre uma pequena falha que todos perdoam e fingem não lobrigar, afim de não interromper a corrente admirativa que em torno della se eleva. A nuvem quando passa pelo sol não lhe empana de todo o brilho.

E' lamentavel, entretanto, que o illustre artista não cogitasse nisso.

Quem nos diz que o seu espirito supersticioso tivesse tido com tal eliminação algum vago receio ou presentimento? Eça era supersticioso como um napolitano ou um sardo. Nem o seu enorme talento, nem a sua illustração, possuiam armas bastante afiadas, para poderem combater as crenças absurdas que se lhe haviam arraigado no cerebro inquieto. O romancista, cuja ironia superior aterrava os seus patricios, soffria em silencio as torturas da influencia secreta dos fluidos bons e maus. E' curioso como um espirito tão lucido na analyse e na critica alheia, pudesse separar-se tão radicalmente da observação da propria personalidade. E' esta, com certeza, a punição que a natureza inflige aos genios.

IRACEMA GUIMARAES VILLELA

O desejo de empobrecer.

A preocupação de ganhar dinheiro e fazer fortuna é um facto commum e generalizado.

Mas a preocupação de se desfazer de uma fortuna, de gastal-a, de empobrecer, é um caso realmente singular e novo.

E' inutil dizer que isso se passou nos Estados Unidos, patria da originalidade e dos imprevistos.

O Sr. Edward Stephen, tendo herdado de seu pae, quando já se achava em sexto lugar na lista dos multimillionarios de sua terra, ainda herdou mais milhões com a morte de sua mãe...

Parece que ficou enjoado com tanto dinheiro!...

O facto é que resolveu acabar com a fortuna, por demais pesada e incommoda.

Alugando um pequeno escriptorio em Madison Avenue — eu dou o endereço para uso dos interessados, inclusive para o Brasil que anda sempre com tanta sêde de emprestimos — o Sr. Stephen começou a distribuir milhões para maternidades, para hospitaes, para collegios e para universidades.

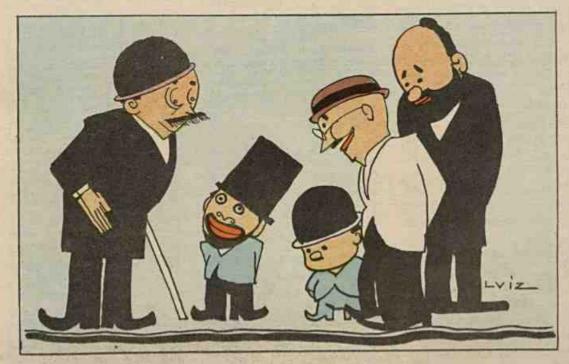
Mas, não conseguio se desfazer de tão alto patrimonio.

Os seus empregados têm justamente por funcção descobrir os casos dignos de interesse para a applicação de sua alentada fortuna.

E' possivel que esses empregados não andem muito apressados em extinguir o motivo de suas funcções, nem tão pouco em acabar com as esperanças de um testamento que lhes poderá ser favoravel... Só por isso é que os milhões do Sr. Stephen têm resistido tanto ao seu desejo de ficar pobre... E' possivel que elle esteja indignado de não ter podido ainda conhecer as doçuras da humildade. Seria, entretanto, tão facil!

Bastaria o Sr. Stephen contratar, para o seu escriptorio, alguns administradores muito nossos conhecidos.

Elle poderia ter a alegria de ficar pobre nas vinte e quatro horas!...

BENJAMIM COSTALLAT

— *Porque será que na cidade ha menos ar que no campo?*
— *E' simples! Aqui, quasi todo o ar metteram nos pneumaticos dos automoveis...*

O Canario

(SKETCH)

M — Oh, minha querida sogra! Que surpreza agradavel!

S — Não contava commigo aqui por S. Paulo, hein, seu Zebedeu?

M — De facto, não contava!

S — E que difficuldade para encontral-o, senhor meu genro! Depois que a sua mulher foi para a Europa o senhor nunca mais deu signal de vida... Nem se dignou dizer onde estava morando...

M — E'... Não vê que... até bem pouco não tinha pouso certo... Vivia pelos hoteis... Agora é que... arranjei este apartamentozinho modesto...

S — Modesto? O senhor chama isto um apartamentozinho modesto? Parece-me até luxuoso de mais para um homem só...

M — Foi o que eu pude arranjar. Enfim, como é provisorio... E' só até Lili chegar...

S — Quantas peças tem a casa?

M — Não entre, minha sogra! Está tudo muito desarrumado, comprehende.

S — Isso não tem importancia. Eu sou ou não dona de casa?

M — E', bem sei, mas... o melhor é ficarmos por aqui. Ah, tenho passado uns dias aborrecidissimos, minha sogra! Que falta me faz a minha querida Lili!

S — Tem, não é?

M — Immensa! Não me habituaria jámais a viver só! O meu consolo é um canario que eu comprei no outro dia em Santo Amaro; dedico a maior parte do meu tempo a tratar delle! E' um belga legitimo. Canta que **dá nojo!**

S — Mas o senhor sabe que a Lili não gosta de passaros, para que fez isso?

M — Ah! quando ella voltar eu me desfaço delle! Pois, muito bem a senhora em que hotel está hospedada? Demora-se alguns dias em S. Paulo? Eu hei de apparecer, sim, minha sogra! Deixe o numero do seu telephone, sim?

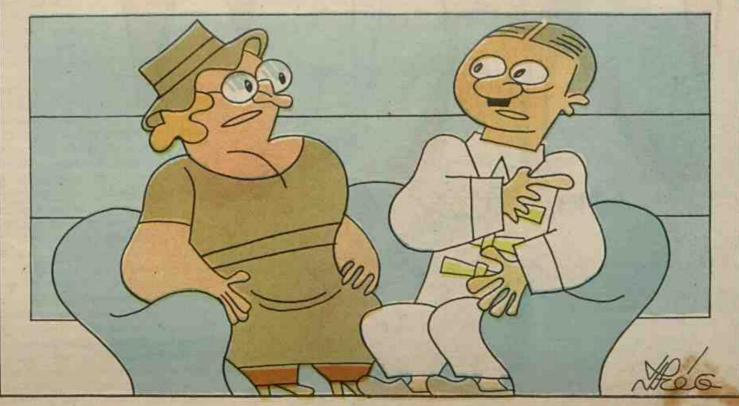
S — Sim, mas temos tempo. — Vamos conversar...

(uma voz feminina canta em escalas)

S — Que é isso? Quem é que está cantando ahi dentro, senhor meu genro?

M — E'... é o canario!

LUIZ PEIXOTO

ALUCINAÇÃO

José Bento encaminhou-se vagarosamente para o gabinete de trabalho, no rez do chão. Era a primeira vez que para ali se dirigia após a grave enfermidade, um insulto cerebral que o prostrára em artigo de morte por uma vintena de dias. Ia pesado e tardo, carregando no organismo enfraquecido as cicatrizes profundas e mal fechadas da cruenta luta.

Desceu a escada amparado ao braço de Maria Eugenia. No fim daqueles doze penosos degraus deteve-se, ofegante, no peitoril da janela que respirava para o jardim. Lá fóra o sól esbatia-se todo pela vegetação, onde o orvalho rebrilhava, ainda recente. As variadas flores entreabriam-se em largos sorrisos, inebriando de suaves perfumes a atmosfera limpida.

Que linda manhã!

Com as narinas dilatadas pelo prazer, José Bento sorveu largamente o ár que a brisa soprava. Ha quanto tempo não depunha os olhos nisso tudo! Grande satisfação e alegria espelhavam-se no rosto macilento. A vida para ele, agora que lhe voltava a saúde, parecia um mundo cheio de promessas ditosas.

Maria Eugenia sorriu. Sorriu e o arrastou do poial da janela.

— Não esteja para aí a cançar esse cerebrozinho...

José Bento quiz protestar. Não! Sentia-se forte e não via mal algum admirar mais um bocado da paisagem. Mas na realidade estava bem fraco, muito fraco. Ele o sentia nos menores esforços para locomover-se. Ao pisar o soalho a massa cinzenta como que se descolava da abobada craniana e sacudia-se pelas paredes do cerebro. Sua vista nublava-se, tomada de lampejos fantasticos e os membros inferiores tornavam-se lassos.

Detinha-se então, com a respiração opressa. Descançava e tornava a seguir. No cerebro, mais que noutra parte do corpo o rigor da molestia fizera-se notar.

Ganhou lentamente o retiro pacifico do gabinete de trabalho. Maria Eugenia intalou-o numa confortavel cadeira de braços, cobriu-lhe os pés e as pernas com um felpudo cobertor rubro. Osculando-o na face, pediu-lhe muito juizo, emquanto ia cuidar dos arranjos caseiros e prometia regressar logo.

José Bento achou-se só na penumbra do aposento, onde mal-e-mal o sól se esgueirava e no qual nenhum ruido, nenhum som quebrava a monotonia silente. Dir-se-ia que aquelas quatro paredes eram intransponiveis aos rumores externos.

Afrouxando todos os membros do corpo, ele abandonou-se na cadeira. A cabeça pendeu. Poz-se a contar mentalmente as surdas pulsações que a carotida repercutia. Aborreceu-se depressa. Levantou o busto e des-

Conto de NAYME BUSSAMARA

cerrou os olhos. Apesar da quasi escuridão que reinava no ambiente, ele pôde aos poucos, com o auxilio da memoria, ir reconhecendo os objectos que o rodeavam.

Tudo achava-se disposto como ele subitamente deixára, na tarde fatal. Talvez ninguem ali tivesse vindo durante a doença dele. Nem mesmo Carlinhos, seu unico e adorado filhinho, que, estando José Bento a trabalhar, Maria Eugenia o vinha depor no tapete, ao seu lado, de parceria com os atordoantes brinquedos. As figuras bizarras que ornavam as paredes pareciam-lhe mais fantasticas que de costume. A biblioteca, com uma das estantes abertas num longo bocejo, mais austéra e mais grave. A biblioteca! A imensa biblioteca! Era naquele oceano de volumes elegantes e enfileirados que ele se submergia, horas e horas, num fruir doce. Quantas vezes não fôra necessario Maria Eugenia vir arrastal-o dali para obrigal-o a tomar algum alimento ou espairecer o espirito?

Estante por estante foi repassando com saudade. Uma por uma foram as lombadas dos volumes sentindo a caricia dos seus olhos nostalgicos. Lento e hesitante abandonou aquela fonte caudalosa. Seu olhar desceu e demorou pelo canapé largo e acolhedor onde, de volta do trabalho na cidade, fazia hora para o jantar, lendo ou brincando com o Carlinhos; elevou-se e parou no emaranhado do aparelho de radio; passou numa preguiça pela mesinha na qual jazia a maquina de escrever, descoberta e com um papel no rolo; cismou vagamente pela pasta de papeis, ao lado, em desalinho, sobre a caixa da maquina; deslizou pela maciez verdolenga das cortinas entre-abertas; errou pelos quadros, pelos *bibelots*, pelas estatuetas e foi descançar na secretária respeitavel, revolta de papeis e objectos. A' vista desse movel José Bento sentiu doloroso aperto no coração e insensivelmente um nome vasou-lhe dos labios:

— Bichano!

Sim, ele lá estava, na parte superior da secretária, uma mancha branca no lusco-fusco do aposento. Como estimára aquele gato! E como sentira a sua morte! Numa derradeira homenagem de amizade mandara-o empalhar, tal qual fôra, redondo de carnes, colocando-o sobre a mesa de trabalho, no mesmo local em que ele habitualmente ronronava. Muito inteligente, muito amoroso, em qualquer dependencia da casa que José Bento estivesse, Bichano encontrava-se sempre junto dele, afagando-lhe as pernas com o corpo macio.

Algumas tardes, quando José Bento por qualquer razão demorava-se maior tempo fóra de casa, Bichano tornava-se impaciente, chegando a ir ao portãozinho da rua, de onde voltava com o pêlo arripiado, miando tristemente.

E assim permanecia até a chegada de José Bento, quando ganhava o sossego. A esse gato devia algumas admiraveis inspirações de novelas que escrevera. Ultimamente, antes da sua morte, estava tentando um estudo sobre a extranha personalidade que esse animal demonstrava possuir. Chegára mesmo á conclusão de que Bichano, em relação aos congeneres, mostrava-se muito mais inteligente e muito mais afetivo. Aliás, além dessas qualidades, era extranhamente sensivel aos acontecimentos que pudessem molestar ao amo. Revelava-se tão arguto nesta qualidade de pressentir as desgraças fisicas ou moraes para José Bento que Maria Eugenia passou a encaral-o com terror. José Bento, ao contrario, ficava satisfeito ao saber das revelações do seu gato.

Agora, diante da tosca mumia de Bichano, mais forte tornava-se para José Bento o sentimento de sua morte. E a saudade represando-se incontida na retina do seu olhar encovado, como um sopro divino, deu vida ao monte de capim que o couro de Bichano escondia. O gato moveu as pernas, contornando a cabeça para o lado onde se achava José Bento. Destacando-se no fundo negro da parede, este reconhecera-lhe a fosforecencia fulva do olhar. Não se conteve e chamou-o numa caricia longa, inundada de alegria:

— Bichano! Venha cá!

Estendeu a mão, esfregando o polegar no indicador, em gesto caracteristico: Psiu. Psiu. Psiu.

O fantasma desceu para o plano inferior da secretária e levantou o corpo em arco, num espreguiçamento cheio de *spleen*. Lançando demorado e agudo miáu, saltou para o solo, caminhando em direção a José Bento, que tomado de goso infantil, tentou levantar-se da cadeira. O gato, antes que pudesse levantar-se pulara-lhe aos joelhos. José Bento acariciou-o tremulo de emoção, mas os seus dedos ossudos apenas encontraram o vazio. Ele ali estava, como é que não lhe sentia o corpo? Chamou-o ansioso:

— Bichano!

O gato miou quasi em surdina e desceu ao soalho num salto felino. Passeando de um lado para outro, os seus miados, aos poucos, foram tornando-se fortes e terrorificos. José Bento chamou-o de novo, com a vóz rouca e cançada, livrando-se do cobertor que lhe prendia as pernas. Bichano afastou-se sem lhe atender ao chamado e ficou parado no tapete, junto á porta, sentado nas patas trazeiras. José Bento, levantando-se, foi-lhe ao encontro com as pernas tropegas. O animal fugiu-lhe num salto. José Bento perseguiu-o já impaciente. O gato, ora em saltos, ora em corridas pelo aposento, fugia sempre.

Desvairado, José Bento blasfemou. E extenuado pelo cançaço recostou-se na secretária, o peito a arfar com violencia. Ao descançar as mãos na mesa, sentiu o contacto com um objecto duro e gelado. Apalpou-o e um estremecimento arripiou-lhe a espinha dorsal. Os labios entre-abertos num sorriso satanico, os olhos irados, agitou no ár um revolver, tipo Mauser, que ele proprio ali esquecera, dias antes de adoecer.

Mirando-o lentamente sobre o fantasma de Bichano premiu o gatilho: tres baques surdos romperam o ambiente morno do gabinete. Densa fumarada e, o que José Bento não esperava, ouviram-se gritos de alguem ferido mortalmente.

Uma restea de raciocinio perlustrou-lhe então o espirito conturbado. Caminhou alguns passos e estacou, as escleroticas irrompendo da caveira, os labios desmesuradamente abertos, a feição do rosto em ritus sinistro, no fundo côr de cera da epiderme. Levou a mão ao peito e em seguida estendeu os braços magros procurando apoio. As pernas curvaram-se sem forças e o seu corpo baqueou no sobrado, pesadamente. Ao lado de José Bento, esvaindo-se em sangue, Carlinhos, seu unico e adorado filhinho, estertorava rouquejante, ferido pelas tres balas assassinas.

A MANIA DO LEOPOLDO

NO espaço de quatro mezes nem uma só vez tinha-me recorrido ao pensamento o nome e a figura de um de meus amigos, Leopoldo Fagulha. Estava eu em meu quarto, de papo pro ar, muito occupado em não fazer nada, quando o telephone obrigou-me a dar um geito na minha carcassa para ir attender.

Quem havia de ser? O Leopoldo? Não. A mulher delle, D. Brigida. Estava afflicta porque o marido ausentara-se havia dias sem dar noticias. Queria ella que eu, como amigo do marido fosse procural-o, onde suppunha encontral-o.

Fui ter com D. Brigida.

— Meu marido — disse ella — de algum tempo para cá vem tendo manias, cada qual mais estapafurdia. Queria ser investigador, até conseguir um logar na policia. Depois deu-lhe no caco de se tornar chimico, e de repente, vem-lhe a vontade de estudar violoncello. Imagine, com 40 annos na garupa querer apprender a tocar um instrumento tão ingrato! Só mesmo de doido. Comprou um violoncello de segunda mão, sem saber se a primeira mão sabia tocal-o e de repente desappareceu com instrumento e tudo. Que hei de fazer?

— Mas, minha senhora, não teria elle, em suas conversas, nomeado por acaso ou repetido o nome de alguma localidade?

— Si não me engano, o Leopoldo disse o nome de uma cidade, espere... Hardville.

— Hardville... não está longe daqui. Vou dar um pulo até lá, mas não garanto. E' muito problematico. Indagarei. Não se afflija.

Sahi e, após ter passado pelo necroterio, por causa das duvidas, tomei o trem para Hardville, sem levar roupa ou mala alguma. Comprei na estação uma porção de jornaes para passar as horas aborrecidas de uma viagem que se me afigurava sem interesse e puz-me a ler. Os jornaes occupavam-se com riqueza de commentarios e de conjecturas de um crime occorrido havia tres dias. O duque de Werry, ainda muito jovem, mas tido como muito rico fôra encontrado, assassinado com uma punhalada, em seu aposento da propriedade que herdara de seus paes. O motivo era evidente: fôra o roubo, pois tudo ali havia sido revolvido, mas do ou dos assassinos nenhum indicio que pudesse orientar a policia.

— Bom — pensei — Isto nada tem que ver com o homem que estou procurando. O Leopoldo é homem pacato, que, quando muito, estudando musica, só pode "assassinar" algum autor, já defunto. O accidente que, provavelmente tel-o-ia feito desapparecer deve ter sido um... accidente de saia. Depois voltaria a ovelha ao aprisco com uma porção de desculpas dignas de sopapos.

Não pensei mais no crime. Cheguei a Hardville, bonita cidadezinha com suas casas quasi todas brancas, destacando-se entre a vegetação repolhuda.

O primeiro passo que dei foi para indagar sobre o paradeiro do fujão.

— Que eu saiba, não mora aqui — era a resposta geral. Desanimado, decidira voltar á estação quando ouvi o som de um violoncello, muito mal tocado, vindo de uma casinha que bem podia servir de ninho para recem-casados.

— Algum principiante enfadado — pensei.

De repente, recordei a ultima das manias do Leopoldo e resolvi bater palmas, não por applauso. A porta abriu-se e ao limiar appareceu uma velhinha.

— Desculpe, é aqui que mora o sr. Leopoldo Fagulha?

Antes que a velhinha respondesse ouvi uma voz muito conhecida, a do Leopoldo.

— Olé! Por aqui? Entra.

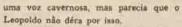
O Leopoldo, esfregando furiosamente o violoncello, encarava-me, com ar de artista apalermado.

— Por que vieste aqui, Leopoldo?

— Escuta esta phrase de grande effeito... sol-fa-sol-re-si. E digna de Beethoven. Não achas? E' do nosso Mozart.

— Tua familia está afflicta, sem noticias tuas, debulhada em lagrimas.

— Então? Ouviu? Já sei de côr o trecho todo. E' a "furtiva lagrima" do Elixir de Amor... zum... zum.

E deu uma chicotada com o arco sobre as cordas que rangeram de dôr a revolver as tripas. O violoncello tinha uma voz cavernosa, mas parecia que o Leopoldo não déra por isso.

— Vamos, Leopoldo. Deixa isso. Responde. Que devo dizer á tua mulher?

— Dize que... olha aqui... a primeira posição não é lá tão difficil, o diabo é a afinação e o dedilhado. Repara, já tenho callos nas pontas dos dedos. Isto aqui, por exemplo, é o mibemol terceiro dedo, olh... como peguei certinho... vum... vum.

Não havia meio de arrancar daquelle damnado senão accordes estropiados e guinchos lancinantes do mallogrado violoncello.

— Mas, enfim, não posso perder tempo. Vou-me embora, senão fico maluco, eu tambem. Deixa isso, que não é para a tua idade e vá cuidar da familia. Anda.

— Vou decorar primeiro este trecho. E' sublime... do-do... la-siiii. Que bonita modulação, não é? Mendelsohn era um genio.

— E tu, um maluco.

Quando, já desesperado eu ia sahir, o Leopoldo deu-me uma espetada com o pontaço do violoncello, dizendo:

— Espera. O trem só sáe amanhã. Tens que ir para o hotel. Mas, vou te pedir um favor.

Leopoldo encostou o instrumento á cadeira, reuniu uma porção de musicas espalhadas numa mesa, fez dellas respeitavel embrulho e disse:

— Escuta. Leva este pacote bem escondidinho para o hotel. Amanhã cedo voltarás p'ra cá com elle, mas bem a vista.

— Para que toda essa comedia? — perguntei, intrigado.

— Amanhã saberás. Por emquanto as musicas precisam tomar ar, para não mofarem.

No dia seguinte, lá pela manhã estava eu a bater á porta do aposento do Leopoldo, sobraçando o pacote. Antes de entrar na casa notei que um individuo estava parado a pouca distancia della, mas não liguei importancia ao facto.

Leopoldo acolheu-me com estas palavras:

— Muito bem! Trouxe o dinheiro?

— Dinheiro? Que é isso?

— Musica são notas e notas é dinheiro.

O meu amigo devia estar positivamente maluco. Tomou do violoncello, arrancou delle accordes lancinantes, arrepiantes e, de repente, ante a minha estupefação, virou-o e abriu o fundo, que figurava de tampa. Tomou-me o pacote e collocou-o no bojo, fechando novamente o fundo, e metteu-o no enorme estojo.

— Agora, meu caro, mais um favor.

— Quantos favores! Vê si acabas, sim?

— E' o ultimo. Carrega o meu violoncello para o teu quarto no hotel, deixe-o lá e sahindo deixa a chave na fechadura do lado de fora. Volta para cá, pois, faltam tres horas para o trem sahir e temos que conversar muito.

— Eu carregar esse "esquife"? Só esta faltava! Tenho ogeriza de carregar até uma maleta de mão.

— Só mesmo de maluco.

— Schumann morreu maluco, mas era um genio.

— Não amolle. De cá esse esquife.

Levei o instrumento para o hotel deixei o quarto com a chave na fechadura, sem comprehender os intuitos do estranho amigo.

Quasi á porta do hotel encontrei-o. Ao avistar-me disse:

— Faltam duas horas para o trem sahir. Temos tempo para ir tomar uma cervejinha perto do parque. Vamos.

Meia hora antes do trem sahir, voltavamos ao hotel. A um creado que estava postado á porta, Leopoldo perguntou:

— A que ponto está a peça?

— No final. Os "accordes" estão "harpejados".

— Não houve "fuga"?

— Não pode haver. Fechei a "cadencia" com a "clave".

Leopoldo agadanhou-me o braço e arrastou-me até o quarto, a cuja porta estavam postados quatro guardas. Embora com a consciencia limpa, tive medo.

— Toque a "ouverture" disse-me Leopoldo.

— Não comprehendo.

— Digo: Abre essa porta.

Virei a chave e abri. Immediatamente os guardas precipitaram-se para o interior do quarto e agarraram um homem que estava lá dentro, segurando o pacote. No chão o violoncello aberto pelos fundos.

— E' este o ladrão e o assassino do duque de Werry — disse o Leopoldo.

— Como assim? — perguntei, pasmado.

— No trem vou te contar.

Refestelado no carro Leopoldo disse: Sabes que eu tenho a mania de ser investigador e, logo que soube do assassinato do duque de Werry fui um dos primeiros a ir examinar o aposento da victima. Consegui apanhar e juntar os pedaços de uma cópia de carta rasgada. Nesta carta o duque de Werry escrevia ao seu administrador em Hardville para entregar uma grande importancia em dinheiro e documentos a um violoncellista que costumava de vez em quando vir á cidade. Era homem de confiança. Era evidente que o ladrão e assassino leu essa cópia porque a rasgou e não deixaria de ir completar seu crime em Hardviille. Foi por isso que eu, bancando o violoncellista parti para essa cidade e explicando secretamente a minha missão ao administrador e ao violoncellista (que é um mestre no instrumento) substitui-me a este. No ultimo momento substituiste, sem saber, o administrador. Avisei a policia no momento opportuno e apanhei o facinora, o qual tem a honra de ir de trem para a cadeia emquanto eu vou abiscoitar o premio de 5 contos.

— Mas, Leopoldo, explica-me. Que combinação fizeste com o creado do hotel?

— Aquelle não era o creado, mas o verdadeiro violoncellista. Para bem levarmos a cabo nossa tarefa, combinamos uma linguagem musical, que agora vou te explicar. Sabendo que o criminoso estava espreitando o violoncellista á espera que o administrador entregasse o dinheiro, arranjei tudo para que elle fosse roubal-o no quarto do hotel e dei aviso á policia para agir opportunamente. Agora a nossa linguagem. "Accordes harpejados" quer dizer: policiaes espalhados? a "fuga" não é a de Bach, mas uma provavel fuga do ladrão, fechar a "cadencia" com "clave" significa fechar o cadeado com chave, por isso que te pedi que deixasse a chave na porta. E, por fim, "tocar a ouverture" quer dizer: abrir a porta, o que fizeste, a meu pedido.

Tudo foi direito. Agora vou direitinho consolar minha cara metade com um bolo de chocolate de que ella gosta tanto e conto comtigo para o jantar. O violoncellista de Hardiville ganhou um violoncello no qual pode guardar a roupa suja para a lavadeira.

MAX YANTOK

FUNERAL DE UM REI NAGÔ

O cortejo do rei negro pára. Pára o corpo, inerte no esquife como um fetiche de bronze. Erguem-se em torno mil flabellos e azagaias como uma floresta triste. O alufá, o sacerdote africano reza então o cantico selvagem. Não é um cantico de morte, é uma saudação de victoria. Exalta o rei que vae triumphar mais além... Na penumbra espiritual desse povo, em sua barbaresca innocencia, a realeza é immortal. E a turba nagô saúda o rei que vae reinar entre os astros.

CANTO DO ALUFA'

E' o Rei!
Saravah — Nagô!
E' o Rei — nosso Rei! Nosso Rei...
que entre os mortos reinou.

Vae só... Lá longe... No sem-fim...
Vae ao paiz da Lua, além do mar do Somno
e ha de vencer o céo, pois quem o vê — recúa,
e lá ganhar um throno
e ser um deus assim!

O Rei — o Rei nagô
lá vae na luz, sereno,
em busca de outro reino
entre as estrellas, longe, onde o Olurum chamou!

E' o Rei! Venceu a dôr,
E, entre agogôs zoando,
archotes, pachorôs, babalaôs rezando —
o Rei vae vencedor!

Lá vae...
nos deixou...
Ai de nós,
Nagô!

MURILLO ARAUJO

Como morreu realmente Cleopatra?

Numerosos teem sido os pintores e esculptores que teem reproduzido a scena da morte de Cleopatra, seguindo, para tal, a lenda que narra que a formosa rainha se fez picar por venenosa áspide.

Mas, embora seja essa a versão mais difundida, teria sido assim, realmente, que Cleopatra morreu?

Que se saiba, nenhuma serpente foi achada, posteriormente, nem no aposento nem nas immediações deste, muito embora alguns tenham affirmado que foram vistos "seus rastros" perto do mar, do lado para que davam as janellas do regio quarto onde occorreu o suicidio.

Ha tres coisas, dizem as Escripturas, no livro dos Proverbios, que não deixam rastros: a passagem de uma aguia pelo ar, a passagem de uma serpente pelas pedras e a passagem de um barco sobre as ondas. Difficil se torna, pois, dar credito a essa affirmativa de terem sido vistos os rastros da áspide que picou a formosa rainha. Teremos, então, neste caso, acreditado ingenuamente numa lenda forjada pela imaginação popular, que nos transmittiu, como verdadeira, a penna dos historiadores?

Cleopatra morreu a 25 de agosto do anno de Roma de 724. Propercio affirma que morreu em consequencia da mordedura de uma serpente e, embora nada houvesse presenciado, diz: "Vi seus braços mordidos por serpentes horriveis, e vi o lugar onde o somno mortal se espalhou lentamente pelos seus membros".

M. Georges de Chateau Renard, que estudou a questão com todas as minucias, procurou mostrar como ha muitas contradições a respeito, accentuando que emquanto uns acreditam na hypothese da serpente, outros attribuem a morte da rainha a figos envenenados que comeu emquanto alguns falam ainda em certo veneno que ella carregava num alfinete especial, ôco, enfeitando-lhe a cabelleira, e outros, mais, crêem numa agulha envenenada, com a qual ella feriu as proprias veias.

Plutarcho affirmou que "ninguem sabe, ao certo, como foi que ella morreu". Apiano considerou a historia da áspide como duvidosa. Onde, pois, a verdade e a razão?

Os antigos não ignoravam o poder do veneno das áspides, cuja picada é indolor. Mas existia, no Egypto, essa qualidade de serpente? Alguns medicos de Alexandria, consultados, forneceram os informes mais contradictorios. Negaram, uns, que no paiz existissem cobras, de que qualidade fosse, cuja picadura pudesse causar a morte. Outros affirmaram ter visto morrer doentes feridos por esses mesmos ophidios que os primeiros negavam existir na região.

Trazido de outras paragens? Bem póde ser. Mas, affirma um naturalista, si uma cobra venenosa tivesse sido trazida de longas distancias, presa numa canastra ou cesto de vime, ou de palha, e occulta entre almofadas, teria, forçosamente, mordido as paredes da prisão, furiosa, e distillado o veneno, ao menos em parte, de modo que o que lhe restasse não daria para causar a morte a uma pessôa.

Quando se tem diante dos olhos a scena final desse drama amoroso e politico da antiguidade, não se póde deixar de pensar que, em um quarto fechado, onde estavam tres mulheres, apenas uma dellas foi ferida pela áspide, e esta logo depois tenha desapparecido mysteriosamente — sem que se sinta extranheza.

Por mais que custe a alguem a demolição da lenda universalmente acceita, o bom senso nos leva a recusar sua acceitação, diante desses argumentos.

Em 7 Dias...

● Falleceu, victimado por antiga enfermidade, o Almirante Protogenes Guimarães, um dos mais notaveis officiaes da nossa Armada, antigo Ministro da Marinha e tambem ex-Governador do Estado do Rio.

● Foi quasi totalmente destruida por violento incendio a velha abbadia ingleza de Buckland, onde residiu o celebre Francis Drake.

● O escriptor brasileiro, academico Pedro Calmon, actualmente em Portugal, foi nomeado membro correspondente da Academia de Sciencia de Lisbôa.

● O governo italiano annunciou sua disposição de fazer construir mais dois encouraçados de 35.000 toneladas cada um, 12 "scouts"" e varios submersiveis.

● A Maçonaria brasileira que havia sido mandada fechar, por occasião da decretação do ultimo Estado de Guerra foi autorisada a reiniciar os seus serviços, abrindo todas as Lojas, visto ter cessado o motivo que determinára seu fechamento.

● Por determinação do Sr. Ministro da Fazenda, que attendeu a reclamações dos interessados, aliás justas, foi revogada a disposição que prohibia a venda de estampilhas no recinto dos cartorios de Tabeliães.

● O Sr. Ministro da Agricultura recebeu em audiencia especial o agronomo José Watzl, que lhe expoz o processo de sua invenção, para aproveitamento na industria de fios para tecido, das fibras da folha de abacaxi.

● Chegou dos Estados Unidos, pretendendo demorar-se em nosso paiz algum tempo o Sr. Francisco da Silva Junior, director do "Brasilian Tourist Bureau", de Nova York, joven patricio que desfructa naquelle paiz destacada situação.

● Foi mandado reintegrar no seu cargo de Delegado Fiscal da Prefeitura da Capital, o Dr. Jurandyr Magalhães, irmão do ex-governador Juracy Magalhães, cuja demissão foi um dos mais ruidosos casos da gestão do conego Olympio de Mello, na Prepeitura do Districto.

● Tendo sido commutada a pena de morte a que fôra condemnado, foi recolhido a prisão perpetua o aviador americano Harold Dahl.

● Fazendo parte do novo plano de melhoramentos locaes em que está empenhada a Municipalidade desta Capital, foram inauguradas as novas lampadas de illuminação, com luz especial de ton verde, no Tunnel Novo.

● O Governo Nacional autorisou varios aviadores italianos a sobrevôarem o territorio brasileiro, achando-se no numero delles o filho do Duce, Bruno Mussolini.

● Falleceu o capitão Vansitart do exercito britannico, filho do conhecido politico sir Robert Vansitart, secretario permanente do Foreign Office e chefe do Intelligence Service, gosando de incalculavel prestigio e influencia nos meios politicos europeus.

● O Ministro da Fazenda, attendendo a solicitações da Associação Brasileira de Imprensa, autorisou a concessão de certas facilidades cambiaes para as coberturas de compras de papel de jornal.

● Foi resolvido pelo presidente da Republica que cada Estado da União deverá concorrer com a quota minima de cem contos de réis para as despesas de representação do Brasil na grande Exposição Internacional de Nova York, em 1939.

● Apresentaram-se candidatos á futura eleição para a presidencia da Republica do Uruguay, os senhores Blanco Acevedo e Martinez Thedy.

● Lamentavel desasrte occorrido com um avião em que viajavam altas patentes do exercito argentino e um filho do presidente Justo, victimou todos os passageiros, enlutando a nação amiga e a familia do supremo magistrado argentino, que se achava na occasião, em terras brasileiras, tomando parte na cerimonia do lançamento da pedra fundamental da ponte Uruguayana-Libres.

● Um Egyptologo, sir W. D. Emery, annunciou ter descoberto o verdadeiro tumulo do primeiro pharaó, Menés, que reinou 5 a 6 mil annos approximadamente antes da nossa rea.

● A Prefeitura resolveu nomear dois funccionarios technicos para promover a numeração dos bondes da cidade, por linha, como já foi feito com os omnibus, com optimos resultados, para facilidades do publico que delles se serve.

● Regressou de Campanha, onde estava repousando, o Dr. Pedro Ernesto, ex-Prefeito da Capital, e reiniciou suas actividades medicas como director do Hospital da Ordem Terceira da Penitencia.

● Receberam brevet, fazendo parte de uma turma de novos aviadores civis nesta capital, duas senhorinhas: Mlle. Madeleine Roice, secretaria do *attaché* da Embaixada Franceza e a Senhorinha Antonietta Rangel, filha do industrial Sr. Antenor Rangel.

● Partiu, pelo avião "Marimbá", em viagem de inspecção pelo norte do paiz, viagem que será demorada, o Ministro da Viação, Coronel João Mendonça Lima.

● O escriptor portuguez Carlos Malheiros Dias, que durante muitos annos viveu entre nós, e actualmente residindo em Portugal offereceu sua volumosa Bibliotheca ao Gabinete Portuguez de Leitura, desta Capital.

● Foi desmentida em absoluto a noticia propalada da morte de Virgulino Ferreira, o "Lampeão", cangaceiro que trouxe sempre o nordeste brasileiro em sobresalto, com suas façanhas, obrigando os Estados a uma permanente mobilisação militar para lhe dar caça e para impedir sua incursão em cidades e villas. "Lampeão", ao que se annunciára, morrêra victima de tuberculose pulmonar.

● Foi agraciado pelo governo da Bolivia com a commenda de cavalheiro da ordem del Condor de Los Andes, o Dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa e figura de inegualavel prestigio social nos meios culturaes e jornalisticos do paiz.

● Foi victimado por lamentavel desastre de automovel, numa estrada do interior de São Paulo, quando regressava de importante commissão do Estado Maior da Armada em Matto Grosso, em companhia de collegas e subordinados, o Cte. Galdino Pimentel Duarte, distincto official superior da Marinha Nacional.

Almirante Protogenes Guimarães, ex-ministro da Marinha.

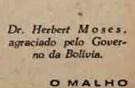
General Moreira Guimarães, Grão-Mestre da Maçonaria.

Harold Dahl, condemnado a prisão perpetua.

Dr. Pedro Ernesto, ex-Prefeito da Capital da Republica.

Carlos Malheiros Dias, que fez doação de sua bibliotheca.

Cte. Galdino Pimentel Duarte, que foi victima de um desastre.

Dr. Herbert Moses, agraciado pelo Governo da Bolivia.

Embaixador Luiz Guimarães Filho

FRA ANGELICO — Luiz Guimarães Filho, o notavel poeta e prosador brasileiro, figura de relevo em nossa diplomacia e membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Sciencias de Lisbôa e da Academia Hespanhola, offerece ao publico de nossa terra, como magnifico presente de Anno Novo, um novo e esplendido livro: "Fra Angelico".

Ahi conta o laureado autor de "Samuraes e Mandarins" e tantas outras obras admiraveis de nossa literatura contemporanea, a vida de Fra Angelico, sua vocação para a religião e para a arte. Apresenta-o creando as telas maravilhosas que hoje enriquecem o patrimonio da arte humana. Estuda as caracteristicas da pintura desse grande artista e santo varão, e descreve suas obras principaes. E' um admiravel trabalho de biographia e de critica de arte, que merece ser collocado entre os melhores livros de Luiz Guimarães Filho.

O volume teve magnifica edição, com varias gravuras illustrativas e esplendida capa.

REZAS CHRISTÃS

Carlos Dias Fernandes, tão bom poeta como prosador, publicou agora novo livro de poesias a que deu o nome de "Rezas Christãs". Nesse volume estão enfeixadas vibrantes orações em verso, cheias de belleza e verdadeira poesia, a diversos santos da Igreja Catholica.

O poeta as compoz porque, convencido da necessidade da prece e verificando que a maior parte das rezas carece de elevação, quiz, deste modo, prestar um serviço aos crentes que, como elle, são dotados de piedade e senso poetico.

No livro de Carlos D. Fernandes, ha uma prece para cada santo padroeiro do Brasil e dos Estados. Os versos são vasados em linguagem simples e bella.

FAUSTO *não foi um mytho*

Comquanto a lenda do homem que vendeu a alma ao diabo para obter a mocidade e todos os bens da terra, remonte á mais velha antiguidade, e se haja espalhado por todos os povos — mórmente entre os christãos — parece fóra de duvida que o doutor Fausto viveu no começo do seculo XVI. Dizem-no nascido em Roda, nas proximidades de Weimar, formado em theologia pela Universidade de Wittemberg. Medico, astrologo e magico, Fausto não via na sciencia e, principalmente, nos seus conhecimentos, senão um meio para assegurar a satisfação dos seus desejos sensuaes e da sua curiosidade sem limites. Libertino nos costumes e nas idéas, sceptico e descrente, correu mundo, que havia firmado um pacto com o diabo, em virtude do qual um espirito do Inferno, Mephistopheles — corrupção de Mephostophilis, (O-que-odeia-a-luz) — devia servil-o durante 24 annos, após o que, lhe carregaria com a alma.

Fosse ou não verdade, o facto é que o fim tragico e mysterioso do doutor Fausto, impressionou o espirito do povo que passou a consideral-o um typo de revoltado contra as leis humanas e divinas.

Foi sobre essa existencia real, mas mal conhecida, que se formou a lenda, cada dia mais desenvolvida pela fantasia popular, até que, em 1587, a livraria Spies a reproduziu n'um pequeno volume intitulado, *Faustbuch*, que se vulgarizou enormemente na Allemanha.

Por esse tempo, a popularidade da lenda ganhou, na Allemanha, um novo impulso, graças ás representações nos theatrinhos de bonifrates, aonde o publico assistia aos sortilegios do doutor Fausto, sob a influencia satanica de Mephistopheles. *Faustbuch*, foi traduzido em quasi todas as linguas européas. A traducção ingleza de P. R. Gent, sob o titulo de *The history of the damnable Life and deserved Death of Dr. John Faustus — A historia da vida abominavel e da morte merecida do Dr. João Fausto* — serviu certamente a Marlowe, contemporaneo de Shakespeare, como fonte inspiradora para o seu drama, *The Tragicall History of Doctor Faustus* — A historia tragica do Dr. Fausto — representada em 1589. A contextura d'esse drama é empolgante, desde o monologo do protagonista, no prologo, até á queda e ao castigo. Num desdobramento de extraordinaria grandeza tragica, entrelaçam-se os episodios de sortilegios, com scenas hilariantes e satiricas. O sentimento mais caracteristico de Fausto, é a curiosidade insaciavel de conhecer e de desejar tudo. Psychologicamente, é bem analysado e no orgulho que o impelle á elevar-se acima dos seus semelhantes, não ha vislumbre de vulgaridade. A tragedia de Marlowe, representada com um successo sem par, foi o modelo para dezenas de dramas, especialmente na Allemanha. Ainda no seculo XVIII, a lenda de Fausto, foi posta em scena, sobretudo como assumpto de improvisos (1) burlescos e ahi por 1785, Lessing traçou um plano de peça, que não chegou a escrever, na qual tencionava salvar Fausto, por acreditar que o unico peccado d'esse heroe, era a "sêde invencivel de conhecer tudo".

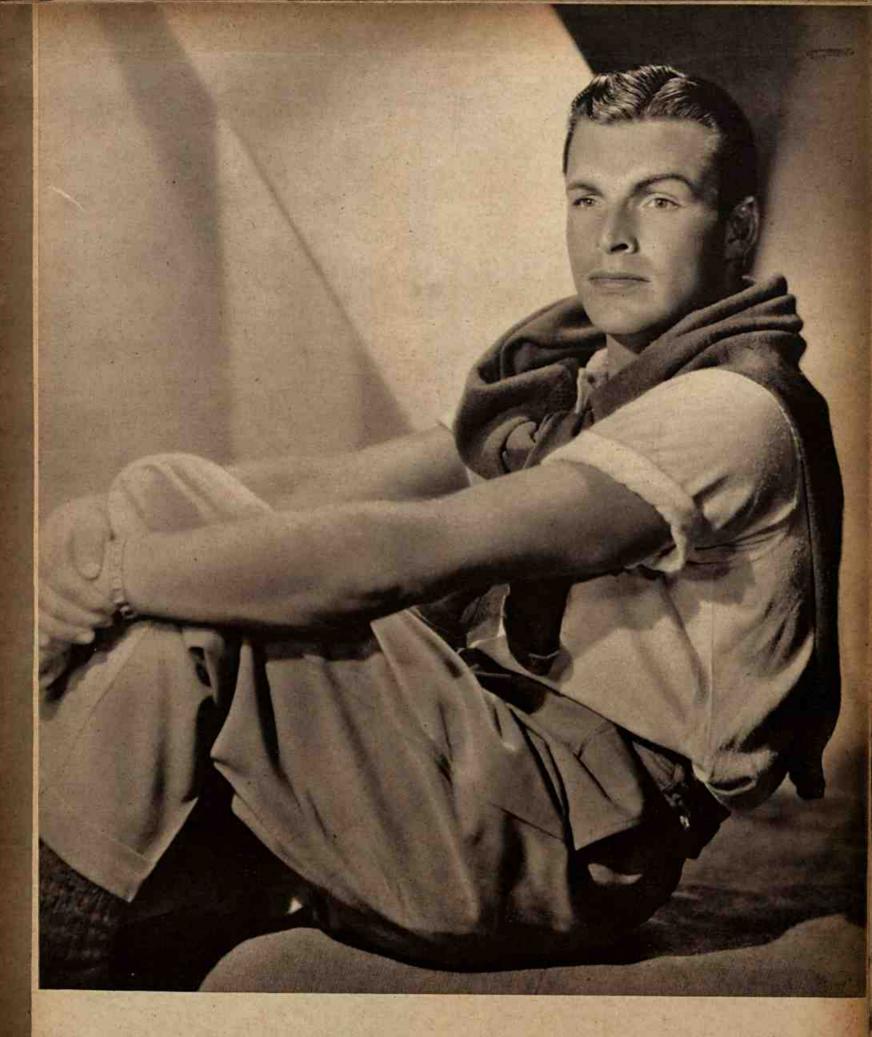
Goethe, que admirava a peça de Marlowe, tratou o assumpto de modo difinitivo, com rara belleza symbolica, pondo-lhe o sello da sua genialidade. Embora as linhas geraes do seu drama sejam eguaes ás do escriptor inglez, Goethe transplanta Fausto para o seculo XVIII, com um espirito novo, mais philosophico, mais humano, em busca de um ideal; colloca-lhe ao lado a deliciosa e poetica figurinha de Margarida e empresta a Mephistopheles um caracter differente, espirituoso, ironico, sarcastico, muito diverso do *anjo cahido* do drama de Marlowe.

E assim, materializado, o mago Dr. Fausto, deixa de ser uma figura de lenda e a transacção da sua alma, a troco das felicidades terrenas, ficará apenas como uma fantasia, um sonho...

---

(1) *Commedia dell'Arte.*

EDUARDO VICTORINO

— Sabes? Arranjei um pom emprego.
— Onde?
— Porteiro de um arranha-céo!

PARA A GALERIA DOS "FANS"

LARRY BUSTER CRABBE venceu o pareo de 400 metros, nado livre, nos jogos olympicos de 1932 em Los Angeles. Depois ficou popular e foi parar no Cinema. *Foi,* então, "O Homem Leão"... Ultimamente tem se sahido bem em papeis de estudante. **LARRY CRABBE** será visto proximamente no espectaculo de Cecil B. De Mille "The Buccaneer".

CHESTER MORRIS, como muitos dos seus collegas, foi do theatro para Hollywood. V. se deve lembrar da sua estréa cinematographica — "Alibi". Um optimo desempenho o seu, num bom film policial. Agora Chester Morris está na Columbia e o ultimo trabalho seu, exhibido no Brasil foi "Prometto Pagar".

MARIA AMARO fez successo no Radio. Depois adheriu ao Cinema. Vimol-a em "Cidade Mulher" e "O Samba da Vida". Agora vem ahi na nova producção da Cinédia em que ella estará ao lado de Mesquitinha — "Maridinho de Luxo".

Diccionario de emergencia

Por BERILO NEVES

Unhada — Caricia que uma mulher de mau genio faz a um marido sem genio nenhum.

Uno — Sózinho. Singular. O que não é idiota de pagar casa para os outros (Vide *solteirão*).

Unha — Parte do nosso corpo á qual as manicuras se agarram para não perderem o seu.

Upa! — Interjeição propria para cavallos.

Utopia — Cousa maluca que nunca acontece.

Utópico — Casado com a Utopia.

Uxoricida — Sujeito que mata a legitima espôsa (Vide *sabido*).

Uxoricidio — Maneira pratica e expedita de resolver o problema da felicidade conjugal.

Uncção — Maneira religiosa de untar alguem com alguma cousa.

Umbigo — Lugar do corpo humano que jamais vê a luz do sol (menos em Copacabana).

Umbrifero — Maneira erudita de ser sombrio.

Umbella — Guarda-sol para effeito poetico.

Umbellifera — Senhora que nunca sahe á rua sem a sua sombrinha.

Ui! — Interjeição intima, companheira do pyjama e das descomposturas familiares.

Urso — Especie de amigo que se dá muito bem em qualquer clima.

Vaguear — Andar atôa, sem gastar dinheiro de *taxi*.

Valvula — Apparelho de segurança que serve para dar sahida ao vapor quando este fica muito aborrecido.

Vaga — Especie de onda atraz da qual correm os desempregados.

Vagalhão — Vaga de ministro do Supremo Tribunal, director de Banco, etc.

Vapor — Agua maluca que faz andar os navios e puxa os trens.

Vaquejar — Andar em entendimento com as vaccas, para fins estatisticos.

Vaqueiro — Sujeito, que, apezar de ter nome avaccalhado, mette medo aos bois.

Vate — Poeta pobre e sem protecção.

Vazio — Qualidade propria das lampadas electricas, das bombas pneumaticas e da cabeça das mulheres.

Vendaval — Vento que derruba a arvores da Avenida e sahe nos jornaes...

Venia — Licença de Ministro.

Vento — Corrente anonyna de ar, que, não tendo o que fazer, anda levantando poeira nas ruas e mettendo susto ás damas.

Ventriloquo — Sujeito que parece falar pela bariga. E' parente das mulheres, que falam pelos cotovelos...

Ver — Conhecer por informação dos olhos ou... dos oculos.

Verbal — Relativo aos verbos. Pedido feito com a ajuda dos verbos.

Verde — Côr predilecta dos burros e dos sonhadores (ver *capim* e *esperança*).

Verdugo — Que dá maus tratos. Exemplo: marido que não deixa a mulher sahir sózinha...

Vereda — Caminho bom p'ra cachorro e cascavel.

Vergonha — Cousa que a gente só perde uma vez.

Verrina — Descompostura em estylo de Cicero.

Vesgo — Fórma popular de ser estrabico.

Vespa — Abelha que, na outra encarnação, foi lanceiro...

Vicio — Imperfeição gostosa. Exemplo: falar mal da vida alheia...

Victima — Creatura viva immolada a uma divindade. Ha victimas immoladas a gente muito pouco divina. Exemplos: os maridos de certas mulheres, os genros de certas sogras, etc.

Vidraça — Lamina de vidro que separa as nossas asneiras das asneiras dos vizinhos.

Viela — Rua tuberculosa. Rua que não cresceu por falta de vitaminas.

Villão — Sujeito safado, que mora em villa.

Vingança — Fazer mal ou punir alguem que já nos fez mal. Exemplo: deixar que o nosso rival se case com a moça que ia ser nossa esposa.

Viola — Violão de festa de preto. Violão sem til e sem importancia.

Virago — Mulher feia que dá pancada em homem.

Virgem — Que ainda não viu nada. Que não sabe nada. Creatura do outro mundo.

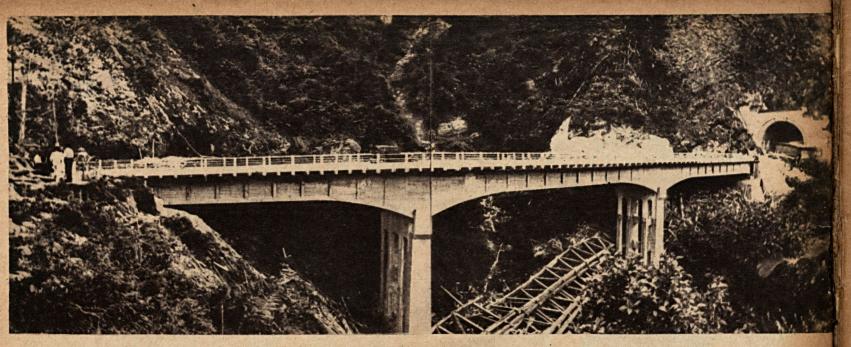
Virgula — Signal orthographico que marca o lugar onde o leitor deve respirar.

Virtude — Qualidade moral que falta aos immoraes.

Vacca — Esposa do boi.

Vagido — Chôro de creança analphabeta.

Vagalume — Insecto que sonhou que era lampada electrica.

Virtuoso — Sujeito que é capaz de viajar tres dias com a mulher bonita de um amigo feio, sem lhe dizer nada á hora do sol se pôr...

Viaducto 19 — a maior viga construida na linha e que é, no genero, record mundial.

A ponte 5, toda de concreto, aliás como todas as demais obras dessa linha, que assim venceu o preconceito contra o emprego de concreto armado em construcções ferroviarias.

UMA PAGINA DA ENGENHARIA EMPOLGANTE NACIONAL

Notas, photos e legendas de NAYME BUSSAMARA, especial para O MALHO

HA quasi dois lustros, no Governo Julio Prestes, sendo Director da Estrada de Ferro Sorocabana o grande e saudoso engenheiro Gaspar Ricardo Junior, e sob a direcção do engenheiro Mario Souto, actual Director da mesma Estrada, iniciou-se a construcção da linha ferroviaria de Mayrink a Santos.

Esse foi sempre um dos grandes sonhos dos paulistas. A São Paulo Railway sózinha não vence as necessidades do trabalho bandeirante. Já desde fins do seculo passado têm-se feito estudos de traçados que liguem Santos mais desafogadamente com o interior do Estado e, quiçá, com a capital. Todos os projectos se esboroaram e se paralysaram, porém, diante desse enorme obstaculo que é a Serra do Mar, isolando do continente brasileiro e sul americano o maior porto commercial do Brasil.

Em 1927, diante das crises successivas de transportes da S. P. R., o Governo Estadual decidiu levar avante a idéa de plantar um novo caminho de ferro em direcção a Santos. E' esse caminho de ferro que acaba de ser concluido e entregue ao trafego publico, no mez passado.

A linha toda tem 135 kilometros. Mas, na realidade, o comprimento virtual, sommados os raios minimos e as rampas do seu traçado, no sentido Mayrink-Samarita, é de 326,129 kilometros. Por aqui póde se ter uma idéa approximada da sua envergadura.

As condições technicas da linha são identicas ás do traçado adoptado no tronco da Sorocabana. Tem vias duplas e é toda ella de simples adherencia, com o alargamento necessario para a electrificação muito provavel mais tarde, bem como o alargamento da bitola actual, de 1 metro para 1 metro e 60.

Muitos milhares de metros cubicos foram feitos de alvenaria e concreto simples ou armado, em quasi duas centenas de muros de arrimo. Os boeiros e drenos são em numero de 800 e a passagem do rio Cubatão é vencida com um tunnel de 80 metros de extenção.

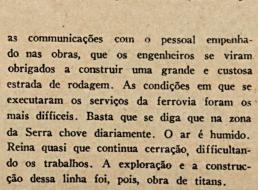
Problema de séria difficuldade, que muito serviu de argumento aos que, no começo, se oppuzeram á construcção dessa linha, foi o da consolidação das rampas e aterros, em grande numero e com altura pouco commum. Essa difficuldade foi vencida.

Em determinado periodo, quando mais intenso foi a construcção, trabalharam na linha mais de 12.000 operarios.

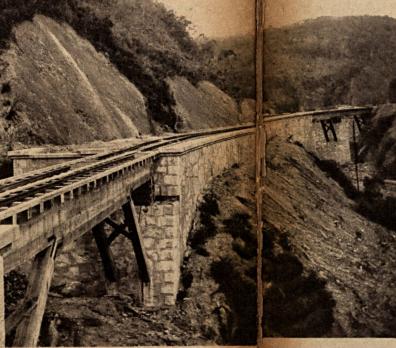
Com os estudos que estão se procedendo para ligação de Campo Grande, na Noroeste, e Ponta Porã, no sul de Matto Grosso, poderá tambem a Sorocabana servir o Paraguay e tambem a Bolivia, desde que se realize a ligação de Porto Suarez com Santa Cruz de La Sierra.

Numa das extremidades do tunnel trinta e um, o primeiro a partir de Mayrink, foram applicados processos de construcção inteiramente desconhecidos no Brasil. Elles consistem na applicação das chamadas estacas "Lassem" e que diminuiram o custo do tunnel de 1.900 contos.

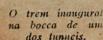
Um dos mais interessantes aspectos da construcção é que a estrada foi acompanhada de emprehendimentos notaveis no terreno prophylatico e educativo da região. Junto aos operarios seguia a escola e o medico. Certos trechos da região eram sujeitos á malaria. O serviço sanitario debellou essa endemia.

A construcção da linha de Mayrink a Santos é uma pagina empolgante da engenharia exclusivamente nacional. A zona em que ella foi levantada é das mais ingratas. Não só o terreno é montanhoso, extremamente accidentado, como tambem se resentia de qualquer recurso de ligação. Tão premente foi o problema de assegurar as communicações com o pessoal empenhado nas obras, que os engenheiros se viram obrigados a construir uma grande e custosa estrada de rodagem. As condições em que se executaram os serviços da ferrovia foram os mais difficeis. Basta que se diga que na zona da Serra chove diariamente. O ar é humido. Reina quasi que continua cerração, difficultando os trabalhos. A exploração e a construcção dessa linha foi, pois, obra de titans.

E' essa pagina empolgante da engenharia nacional que acaba de ser escripta no dorso da Serra do Mar, num arrojo notavel.

No dia dois de Dezembro p. passado correu nessa nova linha a primeira composição de passageiros, conduzindo representantes da imprensa de São Paulo, Rio e Santos, em companhia de toda a administração da Estrada. A partida verificou-se ás 7 e meia da manhã, na estação da Sorocabana em São Paulo, tendo a comitiva chegado em Santos ás 4 horas da tarde, depois de ter percorrido, no trajecto, demoradamente todas as obras. (A viagem normal é feita de Mayrink a Santos em 4 horas; e de São Paulo em cinco e meia horas). O regresso da comitiva foi feito pela S. P. R., em carros especiaes.

Uma das mais interessantes vistas da nova linha que liga Santos a S. Paulo e ao resto do continente: da esquerda para a direita, o traçado ferroviario atravessa a ponte 17, entra pelo tunnel 34, e em seguida vence a ponte 18 e o famoso viaducto 19.

Os viaductos construidos entre o tunnel 27 e a ponte 5.

O trem inaugural na bocca de um dos tunneis.

Fim de anno escolar Fluminense

RAINHA DAS MANICURES DO BRASIL — *Senhorinha Dulce de Almeida, que vem recebendo grande votação no concurso que os nossos brilhantes collegas de "O Radical" instituiram, e que tanto exito vae obtendo, para eleger a "Rainha das Manicures do Brasil". Dulce de Almeida é considerada uma das candidatas mais fortes e com probabilidade de de sahir victoriosa.*

Turma de professorandas da Escola Normal de Nictheroy, após a missa em acção de graças pela formatura, mandada celebrar na Cathedral da visinha cidade.

Aspecto da solemnidade da collação de gráo dos pharmacolandos e odontolandos da Faculdade de Pharmacia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro, vendo-se o respectivo director, Dr. Oscar França, quando fazia a entrega de um dos anneis symbolicos.

DE GOYAZ — *Local onde foi sepultado o escriptor paulista Hermano Ribeiro da Silva, chefe e organizador da "Bandeira Anhanguéra", que pereceu quando regressava de sua excursão scientifica á região do Rio das Mortes, em pleno sertão. Na photographia se vê, assignalado, o escriptor Francisco Brasileiro, que assumiu a chefia da Bandeira para seu regresso a S. Paulo.*

Grupo feito após a cerimonia de entrega dos diplomas ás componentes da nova turma de costureiras formadas pelo Curso de Córte e Costura de Mlle Souza, que se vê ao centro, ao lado de sua irmã e auxiliar.

Turma de odontolandos da Faculdade de Nictheroy, após a missa mandada celebrar em regosijo pela terminação do respectivo curso.

A CRUZADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM SÃO PAULO

Alumnas da Escola Sta Therezinha

Alumnos da Escola Sto. Antonio

Alumnas da Escola Sta. Therezinha

SENHORA
suplemento feminino

— Saias estreitas?
— Que me diz das largas?
Estreitas sim. Paris lançou-as agora, ainda em pleno inverno, e já cogitando da indumentaria de meia estação. Nos novos figurinos, as saias de linha direita, escorridas, contam-se ás dezenas.
Em compensação a Norte America, pelas artistas de Hollywood, apresenta bonitos modelos de saias, ora alargadas por pregas, ora por godets, e ainda o côrte enviezado.
Assim, a moda serve a todas, todas.
Por certo a saia estreita encantará pelo quê de novidade. Mas a outra, já um tanto "batida", ainda se tem como elegantissima, especialmente nesta temporada de estio.
Nas blusas vêem-se drapeados, franzidos, arabescos de nervuras, abertos com bainhas ou por effeito do filó applicado ou o cadarso ondulado.
A moda é, pois, cada vez mais feminina, embora se estejam a adoptar a saia calça, e, nas cidades serranas, a calça de montaria seja a veste predilecta.
Saias, calças — tudo, porém, muito feminino, pois a época das doutoras em direito, engenharia ou medicina, não nas mostra senão aureoladas de graciocidade feminina, mesmo que se destinem a trabalhar como o povo do sexo forte...

SORCIÈRE

Para dansar — larguissima saia de seda estampada, corpete justo, de tom unido. Modelo á Eleanor Powell.

Pyjama de seda branca pastilhada de preto, casaco amarelo.

Ensemble de linho côr de têlha.

Vestido de linho branco, casaco de shantung verde jade.

Bonito vestido de musselina de seda preta, bordados á seda azul e fios de prata.

Pyjama de "marocain" verde medio, blusa de setim preto.

DE TUDO UM POUCO

SE MORRESSES...

IGNESIL MARINHO

Se morresses... não sei o que seria
De quem na vida sempre te amou tanto,
Em tua dor verteu sincero pranto,
Contigo repartiu sua alegria.

Se morresses... não sei se viveria
Ferido da saudade pelo acanto,
Revendo o nosso amor em cada canto,
Chorando a tua perda noite e dia.

Se morresses... qual ave solitaria
Que, a recordar, gorgeia, em triste ária,
A perda da querida companheira,

O meu verso seria mais pungente,
Até que emudecesse num repente
A minha lira outróra alviçareira...

GUERRA E DENTADURAS

Se se prolongar por muito tempo a guerra sino-japoneza, estamos todos arriscados a uma crise nunca vista: a de escovas de dentes! E' que estas se fabricam de pellos de porco branco chinez, que são os mais convenientes para a hygiene bucal.

A industria das escovas de dentes sempre soffreu as consequencias dos varios conflictos que têm affectado a China nos ultimos annos. A guerra provocada pela invasão japoneza é agora uma nova e grave ameaça. Mas isso não tem importancia. Que se incommoda o Japão com as nossas dentaduras?

DE CINEMA

Jackie Cooper, que agora está um perfeito "mocinho", vae reapparecer aos seus "fans" trabalhando como verdadeiro galã, em "Garoto das ruas". E' este o seu primeiro film depois que vestiu calças compridas.

QUEM INVENTOU O TURISMO

Existe a supposição generalizada de que o creador das agencias de turismo foi Tomas Cook, que, desde 1860, começou a organizar caravanas de viajantes britannicos com destino a outros paizes. Alguem, porém, antes delle, se havia dedicado a essa especie de actividade. De facto, duzentos annos antes de Tomas Cook, o fundador do primeiro jornal, Theophrastes Renaudot, teve tambem a idéa de crear e explorar uma agencia de viagens. Seu primeiro programma foi um gyro circular. Paris, Orleans, Saint-Etienne, Lyon, Dijon, Paris.

E não tardou muito e, por todas as estradas que iam ter a Paris, vindas de todas as direcções da França, começaram a ser vistas as carruagens de Renaudot, levando passageiros que queriam conhecer a capital e conduzindo gente da capital que procurava o interior para repousar.

Quando sentiu que o publico começava a comprehender o alcance do seu emprehendimento e a lh'o compensar, Renaudot animou-se a crear a linha Paris-Roma, cuja inauguração promettia ser um successo completo. Mas o organizador da empreza morreu subitamente, do coração, e tudo paralysou por falta de um espirito capaz de levar a iniciativa por deante.

Só duzentos annos depois, Tomas Cook enfrentou o problema resolutamente. E hoje, o turismo é o que se vê.

Toda mulher, ao morrer, reverte ao pó... de arroz.

SANDICES DE UM SCHOPENHAUER... mirim

Se Adão não se deixasse levar pelas labias de u'a mulher, não teria perdido nem a costella, nem o... umbigo.

Com as mulheres, vale mais a pena ter-se labias do que labios...

Toda mulher pensa que pensa. O facto, porém, é que toda mulher, pensando que pensa, não está pensando — pensa só que pensa...

O homem é capaz de tudo — até, mesmo, de arranjar uma sogra...

O genro é um valentão que conhece, de perto, o Diabo... de saias.

E' mais facil achar-se uma idéa na cabeça de um repôlho que na cabeça de u'a mulher...

A mulher está para o homem assim como a beterraba está para o diamante...

Para as mulheres, uma bella dentadura surte mais effeito que uma bella phrase...

O que brilha, nos homens, é a intelligencia: o que brilha, nas mulheres, é a unha...

A felicidade conjugal é o alpiste. O casamento é o alçapão. O homem é o tico-tico bocó...

Os homens cultivam as letras: as mulheres cultivam as couves...

Para as mulheres, vale mais a pena ter-se um bello bigode que ter-se um bello talento...

Um homem inquieto é um homem que procura um pensamento: u'a mulher inquieta é u'a mulher que procura um *baton*...

As mulheres não acreditam em juras: acreditam em juros...

A chaminé é uma senhora presumida: vive a soltar as suas *fumaças*...

As mulheres são ou não chaminés?...

Os homens exhibem o talento: as mulheres exhibem o decote...

Uma cosinha, fechada, sem funccionar, fica cheia de picuman. O cerebro das mulheres deve ser assim — chio de picuman...

Se é verdade que a Natureza vota horror ao Nada, ella votará, pois, tambem, horror ao cerebro das mulheres...

Não ha nada que nos dê mais impressão do Nada que o cerebro de u'a mulher...

"Quem nasce p'ra dez réis não chega a vintem". Quem foi que disse que as mulheres chegam a vintem?...

Não ha mulheres geniaes: ha mulheres geniosas...

Entre um pensador e um banqueiro, as mulheres preferem o banqueiro.

Um homem, que emitte idéas, não lhe interessa: o que lhe interessa é um homem que emitte cheques...

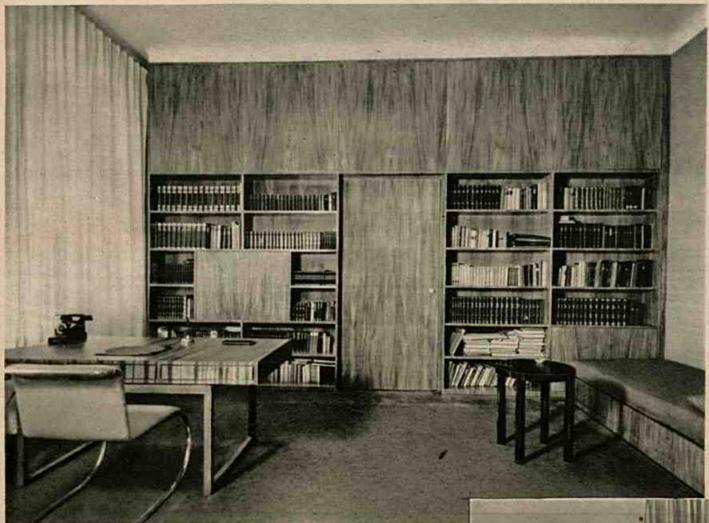
D. XIQUÓRIA

A NOVA ALLEMANHA

Egreja de S. Nicolau, em Dortmund, construida em 1930.

COMO VESTEM AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

Crêpe azul-"gris", bolero preto pontilhado de lantejoilas douradas. O modelo é ALICE FAYE, da Universal.

DANIELLE DARRIEUX, a famosa *star* parisiense, vestida de crêpe rugoso branco, num film da Universal, feito em Hollywood.

Dois aspectos de um quarto "studio", confortavelmente mobiliado á moderna.

DECORAÇÃO DA CASA

COMO TRATAR A PELLE SECCA ?

pelo

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Quando examinamos uma pessoa com sequidão na epiderme, notamos logo que esta é aspera ao contacto.

Por meio de uma lente ou mesmo a olho nú, vemos logo que a pelle se apresenta rugosa ou pellicular. É geralmente conhecida como "farinacea".

A massagem da pelle secca deve ser feita com uma substancia gordurosa.

A predominancia dessa molestia é nos cotovellos, joelhos, palma das mãos, face plantar ou rosto. No nosso caso interessa-nos principalmente a parte relativa á cutis.

O causa da pelle secca é proveniente da diminuição de secreção gordurosa ou sudoral. Diversos são os meios de therapeutica indicados e, abaixo, exporemos os principaes cuidados a observar.

A lavagem do rosto deve ser feita de preferencia com agua morna e sem o emprego de toalha felpuda por occasião de enxugal-o. E' preferivel um panno muito fino ou papel de seda.

O uso de sabonete, nesse caso, é contra indicado. Após a lavagem da pelle convem usar um creme gorduroso que variará conforme o caso em questão. Deve-se usar muito pouco pó de arroz ou rouge.

As massagens podem ser feitas com uma substancia gordurosa, em fórma de liquido ou de pasta. Quanto ao clima, a estação de verão é muito melhor que a temperatura fria. Sob o ponto de vista da hygiene alimentar, aconselha-se um regimen rico em corpos gordurosos.

E' necessario um rigoroso exame interno principalmente nos casos rebeldes, onde se faz mistér uma medicação opotherapica.

Um bom tratamento é por meio de agentes chimicos, applicados localmente, como por exemplo a lanolina ou oleos vegetaes.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene da pelle, couro cabelludo, cirurgia esthetica e demais questões de embellezamento ao medico especialista e redactor desta secção Dr. Pires. As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" annexo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Travessa do Ouvidor n. 34 — Rio de Janeiro. Daremos, ainda, em cada numero, conselhos, suggestões e informações sobre assumptos de belleza, pois não é possivel fazermos diagnosticos nem formularmos tratamentos sem o exame pessoal do interessado.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

ICARAHY RESOLVEU O PROBLEMA DO CALOR

ASPECTOS DA RIVIERA BRASILEIRA NOS DIAS DE VERAO

A praia de Icarahy, tradicional pelo seu encanto, pelo seu feitio pittoresco, tornou-se o ponto de convergencia da população de Nictheroy e de grande numero de cariocas.

Com a entrada do calor, o povo ahi encontra um refugio que consola e que conforta. Considerada como uma das mais lindas praias do mundo, Icarahy constitue, na verdade, uma nota de relevo no seio da nossa natureza privilegiada.

A' luz do luar, ou á luz do sol, as aguas esverdeadas vêm beijar a areia branca da praia. E milhares de pessoas se destacam através da vasta enseada que forma o aprazivel recanto de Nictheroy.

Icarahy, a praia de areias claras, que se esconde, a poucas milhas do Rio, no outro lado da Guanabara, voltou aos seus grandes dias festivos.

Já as tardes são mais amenas e mais expansivos os grupos que lhe perlustram as plagas. O céo azul, ao alto, têm brilhos de alleluia, e as espumas brancas, que sobre ella se desfazem, em rendas finas, lembram a Reviera, Miami, Palm Beach.

Isso a que podemos chamar o milagre da resurreição de Icarahy, deve-o a linda praia á reabertura do Casino, e ás encantadoras "matinées" da magnifica casa de diversões. As "matinées" do Casino de Icarahy, alegradas com os ultimos tangos e foxes, são a refrigerio do corpo e do espirito, a libertação, por algumas horas fugidias, dos que a vida acorrenta á cidade e ao seu labor quotidiano.

Icarahy realisa uma especie de chimera, reunindo a temperatura suave das praias distantes e o conforto e a despreoccupação dos verdadeiros casinos da aristocracia. Realisa, tambem, esta outra condição, de ser, na realidade, um balneario, o unico balneario que possuimos á beira do mar.

E' a praia preferida dos estrangeiros, por isso mesmo. Silencio, silencio sem monotonia, ar fino, leve, renovado, constantemente, recato — e, acolhedor, fraternal, quasi retrahido, mas franco e animado, o Casino!

Um grupo de jornalistas apreciando trabalhos de recorte em madeira para ornamentação.

Abat-jours e outros trabalhos em exposição, todos feitos pelos alumnos.

ESCOLA TECHNICA VISCONDE DE MAUÁ

Após o encerramento do anno lectivo na Escola Technica Visconde de Mauá, foram dirigidos convites aos jornalistas cariocas para uma visita aquelle modelar instituto de ensino profissional sito em Marechal Hermes.

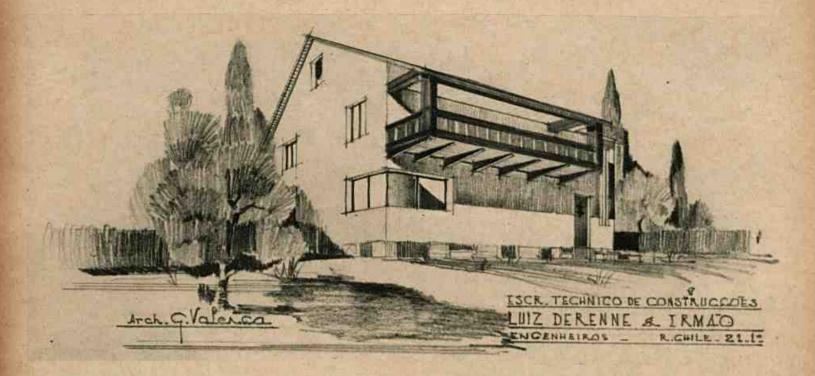
Os representantes da imprensa foram fidalgamente recebidos pelo director do estabelecimento, professor Mendes Vianna, em cuja companhia percorreram as diversas dependencias da Escola, tendo ensejo de apreciar a exposição de trabalhos feitos pelos alumnos dos diversos cursos, que foram muito elogiados.

Reproduzimos aqui alguns aspectos dessa visita colhidos pelo nosso photographo.

O moderno e amplo edificio central da Escola Technica Visconde de Mauá.

Secção de lucivelos, delicados trabalhos expostos.

Outro flagrante da visita dos jornalistas.

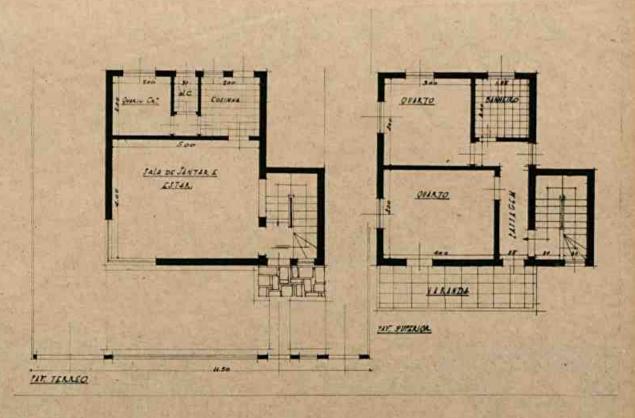
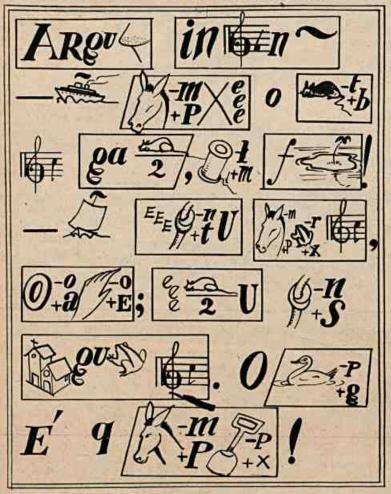
A NOSSA CASA

Ninguem poderá negar que o estudo que publicamos hoje seja bem interessante e com uma bella apparencia. Sua disposição interior é bem agradavel e suas peças de excellentes dimensões para abrigar uma familia de 5 pessoas.

Estudado para um terreno de 11,50 x 31,00, apresenta duas entradas, sendo uma para automoveis e a outra para serviço.

Sua fachada é ampla e de bello aspecto, tendo a lhe salientar uma excellente varanda coberta e toda em madeira cavoucada.

Sua construcção é avaliada em 42:000$000 (quarenta e dois contos) com o emprego de materiaes de reconhecida qualidade.

O Escriptorio Technico de Construcções LUIZ DERENNE & IRMÃO, á rua Chile, 21 — 1º andar, nos offereceu o presente estudo.

JOGOS E PASSATEMPOS

TEXTO ENIGMATICO

CONDIÇÕES PARA CONCORRER

Para tomar parte neste torneio, concorrendo aos dez premios que sortearemos entre os decifradores, basta enviar a solução em uma unica folha de papel com o endereço completo — nome ou pseudonymo, rua, numero, cidade e Estado — collando, ao alto, o coupon n.º 164, que aqui publicamos.

As soluções deverão estar em nossa redacção — á Travessa do Ouvidor, 34 — Rio — até o dia 26 de Fevereiro e publicaremos o resultado no dia 10 de Março.

Os enveloppes devem trazer a indicação: — *Jogos e Passatempos*.

CONTEMPLADOS NO SORTEIO Nº 157

DISTRICTO FEDERAL

Gilda Helena Nicoláo — Diniz Cordeiro, 44.
E. Coutinho de Azeredo — Fabio da Luz, 41.
Elza — Toneleros, 150.
Marlene — São Bento, 5, sobrado.

MINAS GERAES

Thais Stiebler — Daniel Sarmento, 122 — S. João Nepomuceno.
Dorival Ramos — Rua 6 de Abril — Ibiracy.

S. PAULO

Carlos Romi — Santa Barbara.

Waldemir Galhanone — Rua Azevedo Marques, 149 — S. Paulo.

PARANA'

Maria Mansur — Rua Ahu, 2570 — Curityba.

R. G. DO SUL

L. Vieira — Rua Mar. Floriano, 552 — Rio Grande.

PERNAMBUCO

Maria da Piedade Gomes —R. Amaury Medeiros, 186 — Recife.

SOLUÇÃO EXACTA DO TEXTO ENIGMATICO Nº 157

COSTUME ZINGARO

Os ciganos têm o costume de mergulhar os seus recem-nascidos em agua fria. Si a creança resiste á dura prova será apta á vida nomade.

CORRESPONDENCIA

Detilma — (Alfenas) — Este ultimo trabalho está feito com as casas muito pequeninas. Faça sempre os originaes em grande tamanho, tendo as casas, no minimo, 1 centimetro quadrado. Fica melhor para você e a nós em nada prejudica. Entendido?

João de Olivieri — (Petropolis) — Está muito bom. Para outra vez, queira observar o que ficou dito acima, a Detilma. Gostei do aspecto do seu trabalho, limpo e cuidado. Mande outros.